



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES DA
AMAZÔNIA**

JOSÉ RODRIGO SOUSA DE LIMA DENIUR

**INFÂNCIAS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO DE BRINCARES E PRÁTICAS
CORPORAIS NAS MARÉS DE RIO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE**

BRAGANÇA-PA

2023

JOSÉ RODRIGO SOUSA DE LIMA DENIUR

**INFÂNCIAS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO DE BRINCARES E PRÁTICAS
CORPORAIS NAS MARÉS DE RIO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, vinculada a Linha Educação, Linguagens e Interculturalidade na Amazônia Campus, Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará, como critério para obtenção do título de Mestre em Linguagens saberes da Amazônia, sobe a orientação da professora Dra. Ana Paula Vieira e Souza.

BRAGANÇA-PA

2023

JOSÉ RODRIGO SOUSA DE LIMA DENIUR

**INFÂNCIAS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO DE BRINCARES E PRÁTICAS
CORPORAIS NAS MARÉS DE RIO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, vinculada a Linha Educação, Linguagens e Interculturalidade na Amazônia Campus, Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará, como critério para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia.

Data da defesa: 28/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Paula Vieira e Souza - Presidente
Universidade Federal do Pará (UFPA/PPLSA)

Prof. Dr Demilto Yamaguchi da Pureza
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/PPGCS)

Professor Dr. Doriedosn do Socorro Rodrigues
Universidade Federal do Pará - (UFPA/EDUCANORTE/PPGDUC/PPEB)

Prof. Dr. Sérgio Wellington Freire Chaves
Universidade Federal do Pará - (UFPA)

Professor Dr. Marcelo do Vale Oliveira
Universidade Federal do Pará - (UFPA/PPLSA)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D394i Deniur, José Rodrigo Sousa de Lima.
Infâncias ribeirinhas no contexto de brincares e práticas corporais nas marés de rio na Amazônia amapaense / José Rodrigo Sousa de Lima Deniur. — 2023.
71 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Ana Paula Vieira E Souza
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Bragança, Programa de Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2023.

1. Infâncias. 2. Crianças ribeirinhas. 3. Práticas corporais.
4. Brincares. 5. Amazônia amapaense. I. Título.

CDD 400

Às crianças da comunidade Igarapé do
Fortaleza da Amazônia amapaense, por
revelarem a grandiosidade dos brincares nas
marés e da relevância social, afetiva e cultura
das práticas corporais nas ações do brincar no
rio para as suas vidas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão a **Deus**, que é o centro da minha vida e me fortalece diariamente para seguir adiante nesta jornada.

Aos meus **pais**, o Sr. José Ferreira de Lima e a Sra. Raimunda Rodrigues de Souza, que são os pilares da minha educação e sempre me incentivaram, mesmo diante das adversidades e dos momentos difíceis financeiramente.

À minha **esposa e filhos** por me incentivarem a buscar aprimoramento profissional.

Quero dedicar uma parte especial aos meus **filhos**, Linda Ketry Coutinho Deniur de Lima e Rodrigo Deniur Sousa de Lima Junior, que são minha motivação para lutar e alcançar meus sonhos, proporcionando-lhes um futuro melhor.

À minha **esposa e companheira**, Rayana Talita Deniur de Lima, que sempre esteve ao meu lado, me levantando e me encorajando a seguir em frente. Ela sempre foi uma fonte de inspiração para mim.

Aos **moradores da Comunidade do Igarapé da Fortaleza**, por me acolherem em suas casas durante as visitas e por compartilharem os seus saberes culturais, enriquecendo esta pesquisa.

Às **crianças** moradoras da Comunidade do Igarapé da Fortaleza, por me ensinarem a leveza da vida nos seus brincares nas marés e por o todo desta pesquisa.

À **Professora Dra Ana Paula Viera e Souza**, orientadora desta pesquisa, pelos diálogos e discussões valorosas ao longo do Curso de Mestrado, pelas orientações metodológicas, pela dedicação e paciência que são fundamentais no processo da escrita da dissertação.

Aos **docentes** que ao longo do Curso e da vida compartilham conhecimentos, em especial aos membros da banca do exame de qualificação que muito contribuíram para o engrandecimento e da finalização dessa pesquisa.

Meu endereço é bem fácil
É ali no meio do mundo
Onde está meu coração, meus livros
Meu violão
Meu alimento fecundo

A casa por onde eu paro
Qualquer carteiro conhece
É feita de sonho e linha que brilha
Quando anoitece

Na minha casa se tece
Mesura na luz do dia
Pra afugentar quebranto na hora da fantasia

É fácil meu endereço vá lá quando
O sol se pôr
Na esquina do rio mais belo
Com a linha do equador

Zé Miguel

RESUMO

Esta dissertação tem foco nas infâncias ribeirinhas da Comunidade do Igarapé da Fortaleza, localizada na Amazônia Amapaense, região próxima à capital Macapá, no Estado do Amapá. Esse território se insere na floresta Amazônica brasileira, espaço de riqueza natural, diversidade de flora e fauna. Segundo os dados do IBGE (2010) a população infantil era de 1398 crianças e adolescentes entre zero e 14 anos. O objetivo principal da pesquisa é analisar as discursividades das crianças em situação de brincades e as práticas corporais das infâncias ribeirinhas nas marés do rio da comunidade do Igarapé da Fortaleza, na região da Amazônia amapaense. A pesquisa se fundamenta na no campo da Educação assumindo que as crianças são pessoas que vivenciam a infância nos brincades com a natureza e constroem culturas infantis no espaço da pesca artesanal, ao tomar banho de rio, nos estaleiros, no processo da fabricação de barcos brincando em cima dos barcos empinando pipas e pulando de cima desses barcos em construção nos estaleiros. O método do materialismo histórico-dialético, abordagem da pesquisa qualitativa, a técnica da observação participante e roda de conversa serviram para a geração dos dados e análise do conteúdo. Participaram 14 crianças com idades entre 09 e 12 anos, nascidas e moradoras da Comunidade do Igarapé da Fortaleza. Os resultados a priori revelam que as práticas corporais manifestadas nos brincades das crianças, são manter equilíbrio nas canoas, ao pular da ponte no rio, elas jogam o futebol praticado na beira do rio na vazante da maré, a queimada, a pira pega dentro e fora d'água. Ainda, infere-se que as infâncias das crianças ribeirinhas estão intrinsecamente ligadas às suas práticas corporais e brincades, bem como às vivências infantis no universo ribeirinho. A pesquisa infere que os brincades nas marés desenvolvem muitas habilidades nas crianças como aprender a nadar nas águas sozinhas, coordenação motora grossa na agilidade ao brincar de pira pega saltando de cima dos barcos, sumindo e aparecendo para enganar o colega que está tentando lhe pegar. Elas socializam ao brincarem de futebol na vazante da maré e se equilibram nas pontes ao brincarem de lençinho. Elas desenvolvem a criatividade e socialização de aprendizados entre si e constroem relações afetivas. Tomam banho de rio, pulam das pontes, ficam amuadas quando perdem no jogo. Elas esperam ansiosamente, tanto as cheias da maré quanto a vazante, importa pular da ponte e dos barcos no rio e jogar o futebol. No futebol ou na queimada são muitas as habilidades das crianças, usam apelidos, caçoam uma das outras, choram, riem, brincam, se alegram com as conquistas e ficam com raiva quando perdem em algumas das atividades. No método apresento o diálogo com as categorias brincades e o trabalho como princípio educativo, práticas corporais e emancipação social das crianças.

Palavras-chave: Infâncias. Crianças ribeirinhas. Práticas corporais. Brincades. Amazônia amapaense.

ABSTRACT

This dissertation focuses on riverine childhoods in the community of Igarapé da Fortaleza, located in the Amazon region, close to the capital Macapá, in the State of Amapá. This territory is part of the Brazilian Amazon forest, a space of natural wealth and diversity of flora and fauna. According to IBGE data (2010), the child population was 1398 children and adolescents between zero to 14 years old. The main objective of the research was to analyze children's speeches about playing in the Igarapé tides and their body practices in the community of Igarapé da Fortaleza. The research assumes the perspective of Education that there are multi-diversities of childhoods between field, beach, riverine and urban contexts. Children are creative people who experience their childhood playing in dialogue with nature and experience children's cultures when playing fishing, flour production, bathing in the river, making a fan, and experiencing the local tradition of the São Benedito e Marujada of Bragança parties. For this, the method of historical-dialectical materialism, qualitative research approach, and content analysis were used to generate the data. The method sought to dialogue with categories such as playing and social emancipation and work as an educational principle. It is a territory where children share their life experiences. The participants were 14 children aged between 9 and 12 years old, born and living in the community of Igarapé da Fortaleza. The results revealed that bodily practices mostly developed in the games are soccer, practiced on the border of the river at the ebb of the tide, dodgeball, and the tag, in and out of the water. Still, it was inferred that the childhoods of the riverine community are intrinsically linked to their bodily practices and play, as well as children's experiences in the riverine universe. The research inferred that playing in the tides develops many skills in children as they learn to swim in the waters alone, developing fine and gross motor coordination, agility when playing tag jumping off the boats, disappearing, and appearing to deceive the colleague who is trying to catch each other. They socialize by playing soccer on the ebb tide and balance on bridges while playing. They develop creativity and socialization of learning among themselves and build affective relationships. They bathe in the river, jump off bridges, and sulk when they lose at the game. They look forward to it, so much the ebb and flow of the tide, it's important to jump off the bridge and boats into the river and play soccer. Both in soccer and dodgeball, children have many skills, they use nicknames, make fun of each other, cry, laugh, joke, rejoice in achievements, and get angry when they lose.

Keywords: Childhood. Riverine children. Bodily practices. Playing. Amazon region.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Estaleiro de construção artesanal de barco sobre o Igarapé
- Figura 2.** Crianças empinando pipa em cima do barco.
- Figura 3.** Visão aérea da comunidade Igarapé da Fortaleza.
- Figura 4.** Passarela beirando o rio do Igarapé da Fortaleza.
- Figura 5.** Brincar de lenço.
- Figura 6.** Crianças brincando de bafo no pátio da casa
- Figura 7.** A brincadeira de pipa na ponte.
- Figura 8.** O campo de futebol, inundado pelas águas do rio
- Figura 9.** As cantigas de rodas nos brincares nas pontes.
- Figura 10.** No campo de futebol da comunidade, há lama e não grama,
- Figura 11.** Brincando de pega-pega no rio
- Figura 12.** Crianças brincando de pipa na ponte.
- Figura 13.** Crianças brincando no rio.

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Perfil das crianças ribeirinhas participantes da pesquisa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 MÉTODO DE ABORDAGEM DA PESQUISA.....	22
2.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
2.2 A ÁREA DO ESTUDO.....	27
2.3 AS CRIANÇAS COLABORADORAS DA PESQUISA.....	29
2.4 A GERAÇÃO DOS DADOS.....	31
2.4.1 Visita à Comunidade e Termo de Concordância das crianças e Consentimento Livre dos responsáveis pelas crianças.....	33
2.4.2 Observação Participante.....	34
2.4.3 Fotografias.....	36
2.4.4 Roda de Conversa.....	37
3 INFÂNCIAS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO DOS BRINCARES E PRÁTICAS CORPORAIS DE CRIANÇAS NAS MARÉS DO RIO NA COMUNIDADE DO IGARAPÉ DA FORTALEZA NA AMAZÔNIA AMAPAENSE.....	39
3.1 INFÂNCIAS DAS AMAZÔNIAS.....	39
3.1.1 A Infância universal e as infâncias na Amazônia.....	39
3.1.2 As infâncias da Amazônia amapaense.....	40
3.2 BRINCARES E BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS.....	41
3.3 PRÁTICAS CORPORAIS DAS INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA AMAPAENSE NA EMANCIPAÇÃO HUMANA DAS CRIANÇAS.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa de mestrado trata das infâncias ribeirinhas no contexto de brincadeiras nas marés de rio sobre as práticas corporais de crianças da Comunidade do Igarapé da Fortaleza na Amazônia Amapaense¹. A comunidade do Igarapé da Fortaleza está localizada à margem direita da Área de Proteção Ambiental (APA) da Fazendinha², na Parte Sul de Macapá, capital do Estado do Amapá, tendo o curso principal o Rio Amazonas, além disso, é um divisor natural de água entre os centros urbanos dos municípios de Macapá e Santana.

Esses territórios municipais do Estado do Amapá têm sido alvo de intensas degradações ambientais pela ocupação desordenada de garimpos e atividades econômicas que exploram o ambiente natural do rio, que tem servido como desembarque pesqueiro e do fruto do açaí (BRITO; FERNANDES, 2016). Essas ações do desmatamento, assoreamento dos rios, exploração do meio natural têm impacto social na vida dos moradores ribeirinhos da comunidade do Igarapé da Fortaleza devido elevação da temperatura, mudança climática, solo mais exposto ao sol etc., além de limitar a percepção de homens e mulheres sobre o tempo da natureza. A população de alguma forma busca enfrentar a lógica da exploração do trabalho³ e criar outros modos de vida como existência do trabalho humano, ainda que o território esteja imerso na lógica na sociedade capitalista (MARX, 2010).

De acordo com Rodrigues (2006), o termo ribeirinho⁴, usado constantemente pelas mídias para caracterizar a população amazônica, não aparece na literatura antropológica antes dos anos setenta, quando Miller (1977), referiu-se às ‘comunidades ribeirinhas tradicionais’⁵ como pequenas cidades localizadas ao longo das margens do rio Amazonas, não muito próximas aos centros desenvolvidos, ainda não alcançados pela malha rodoviária e esquecidos

1 A Amazônia Amapaense se refere à parte do estado do Amapá que está situada dentro da região amazônica no Brasil. O Amapá é um estado brasileiro localizado na região Norte do país, e faz parte da vasta floresta tropical conhecida como Floresta Amazônica (GOMES; CALADO, 2022; COELHO, 2021).

2 Unidade de conservação que abrange parte do município de Macapá, capital do estado. Criada com o objetivo de preservar e conservar os recursos naturais e culturais da região, promovendo o uso sustentável dos recursos naturais e o desenvolvimento de atividades que estejam em harmonia com a proteção ambiental (COELHO, 2021).

3 "Lógica da exploração do trabalho" refere-se a um conjunto de princípios, práticas e estratégias que envolvem a utilização dos trabalhadores e de seus esforços em benefício de outros, muitas vezes em detrimento dos próprios trabalhadores (MARX, 2010).

4 No Brasil, por exemplo, existem várias comunidades ribeirinhas ao longo dos rios da Amazônia, que vivem em harmonia com o ambiente aquático e desempenham um papel importante na preservação dos ecossistemas locais. As pessoas que vivem nessas áreas podem ser chamadas de "ribeirinhos" (RODRIGUES, 2006).

5 Essas comunidades são chamadas de comunidades ribeirinhas e muitas vezes têm um estilo de vida tradicional e uma relação profunda com os ambientes aquáticos (GOMES; CALADO, 2022).

pelos projetos para desenvolvimento da região.

A comunidade do Igarapé da Fortaleza passa por esse esquecimento do poder público, onde as crianças não têm um espaço adequado para brincarem, mas isso não afeta a imaginação das crianças da comunidade.

O autor Tedesco (2016) afirma em seus achados que, ser criança ribeirinha⁶ significa estar, em contato direto com a natureza e com tudo que ela proporciona. A criança de maneira espontânea evidencia a íntima relação entre o real e o imaginário entrelaçado com o rio, com as árvores e os animais.

A interação com o rio pode influenciar a forma como essas crianças percebem o mundo ao seu redor. O fluxo constante do rio, por exemplo, pode espelhar aspectos da vida e das mudanças que ocorrem à medida que crescem. As árvores e os animais podem desencadear histórias e narrativas imaginárias, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de expressão.

Desse pressuposto da relação contínua entre natureza e seres humanos, que o estudo das práticas corporais como atividades entrelaçadas ao campo do conhecimento do movimento da cultura corporal como ações motoras humanas, que ocorrem no âmbito da dança, da luta, do jogo, esporte bem como nesta pesquisa no contexto de brincares e brincadeiras de crianças nos espaços das marés de rio. As práticas corporais, portanto, são movimentos do corpo e mente interdependente, em que o corpo se expressa, fala por meio da linguagem não verbal e a mente é parte desse todo.

As práticas corporais como um conjunto de movimentos e costumes do corpo e mente segundo Daólio (1995) devem proporcionar prazer⁷ às pessoas que a praticam, seja no campo da Educação Física Escolar seja no movimento da cultural do corpo, pois na perspectiva da motricidade o corpóreo está em constante ação e não se separam. Nesse sentido, as práticas corporais praticadas pelas crianças nos brincares nas marés do rio se articulam ao sentimento de diversão e lazer proporcionando às crianças alegrias, que segundo Zulietti e Sousa (2002, p. 2) “[...] o prazer e a técnica por meio de procedimentos pedagógicos criativos” podem ser

6 Uma criança ribeirinha é uma criança que pertence a uma comunidade que vive nas proximidades de rios, lagos, córregos ou outros corpos d'água (TEDESCO, 2016).

7 A abordagem "crítico-superadora" descrita na obra “Metodologia do ensino da Educação Física”, publicada no ano de 1992, por um coletivo de autores, composto por: Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Brach, sugere uma análise crítica das práticas corporais com o propósito de ir além das limitações ou problemas existentes, buscando soluções construtivas, inovações ou transformações (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

materializados “sobre formas de jogos, brincadeiras”.

No componente curricular Educação Física conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2013) sobre os princípios do cuidar e educar de forma articulada ao brincar como direito e aos eixos estruturantes interações e brincadeiras nas práticas pedagógicas do fazer pedagógico do professor (a) é preciso considerar que “a criança se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas” (BRASIL, 2013, p. 86), pois em situação de brincar ela desenvolve as habilidades da coordenação motora fina e motora grossa amplia a linguagem, o pensamento, afetividade e sociabilidade.

Deste modo, o brincar é uma atividade prazerosa e inerente ao universo infantil, promove o desenvolvimento da criança e a coloca em contato com o mundo adulto pela imaginação e pelas brincadeiras do faz de conta. As crianças ribeirinhas que vivem as suas infâncias às margens do rio interagem com a natureza pelos brincares, jogos e brincadeiras, portanto faz-se importante que nas aulas do componente curricular Educação Física esse contexto social dialogue com as práticas corporais visando o desenvolvimento de cada criança, sobretudo, que atividades sejam constituídas de intenções pedagógicas a fim de ampliar o desenvolvimento das habilidades motoras de crianças por meio de brincares para aprender a nadar e movimentar o corpo e a mente.

Para Zuliatti e Sousa (2002) as práticas corporais devem manifestar objetivos de aprendizados prazerosos visando aguçar o interesse da criança pela atividade, bem como respeitar as singularidades, sobretudo, considerar no planejamento de atividades o contexto das infâncias ribeirinhas e a sua capacidade psicomotora⁸.

Nesse sentido, a pesquisa assume a concepção de práticas corporais sob as dimensões do social, cultural, afetivo, político e das infâncias das águas, em que as crianças ribeirinhas possam criar estratégias de movimentos do corpo humano e interações por meio de brincares e brincadeiras.

As interações e brincadeiras são eixos norteadores do aprendizado de crianças conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013), do modo que as Legislações brasileiras como a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgam os direitos à educação e a proteção, bem como reconhecem as crianças como cidadãs e as definem baseado na idade de 0 a 12 anos.

⁸ As crianças ribeirinhas muitas vezes são expostas desde cedo a atividades que envolvem movimento e coordenação, como a navegação em barcos, a pesca e outras tarefas relacionadas à vida ribeirinha. Essas atividades podem contribuir para o desenvolvimento motor e a coordenação motora das crianças (BASTOS, 2010).

E, para Souza (2018) e Souza, (2020) as infâncias da Amazônia paraense⁹ são caracterizadas por uma multidiversidade de crianças, que vivenciam experiências com a natureza, os rios, a pesca artesanal, os brincares, a produção da farinha, do abano, a tradição da Festa de São Benedito e Marujada¹⁰, bem como frequentam o contexto escolar do campo e da cidade. As crianças para autora estão envoltas de singularidades conforme o contexto social e tem vivências culturais e são valorizadas no mundo do adulto.

Todavia, essa concepção do ser criança pode variar de acordo com cada sociedade e o âmbito familiar, que segundo Souza (2020) é negado o direito de uma infância plena e uma fase do ser criança pela atividade do trabalho infantil. Para ela o trabalho infantil é perverso, aviltante e explora as forças infantis, além de atender a lógica do capital. Para Souza e Baumgartner (2021) faz-se necessário conhecer que a ideia de infância não é homogênea e assume perspectivas diferentes e se modifica conforme a cultura das sociedades influenciando na forma de como é compreendida.

Para Souza (2021) as infâncias da Amazônia paraense não diferente das infâncias Amazônia amapaense, vivenciam experiências em espaços diversificados. Os contextos diferentes como campo, costeiro, praieiro e urbano, são crianças que criam as culturas infantis na relação com a natureza, moram em comunidades quilombolas, pesqueiras, estuarinas e estão em intensa relação com o campo e a cidade. Assim, na perspectiva das pesquisadoras Souza e Baumgartner (idem) a teoria da Linguagem e a Educação se apresentam como campos dos conhecimentos férteis para se pesquisar com as crianças e não apenas sobre elas.

A Educação e a Linguagem reconhecem a capacidade das crianças de serem sujeitos partícipes na construção do conhecimento e na produção de significados, que ao envolvê-las na pesquisa falam de suas experiências de forma livre envolvendo a produção dos seus saberes culturais relacionando-os ao seu contexto social. Nesse sentido, nos brincares no contexto das marés do rio para as crianças ribeirinhas elas aprendem com águas, barcos, revelam alegrias ao brincarem com outras crianças.

O interesse pela temática da pesquisa com crianças ribeirinhas foi motivado pelas

⁹ As infâncias da Amazônia Paraense referem-se às crianças que vivem na região do estado do Pará, que faz parte da Amazônia brasileira. A Amazônia Paraense é uma área rica em biodiversidade, cultura e recursos naturais, e as crianças que crescem nessa região experimentam um ambiente único que influencia suas vidas de várias maneiras (SOUZA, 2018).

¹⁰ A Marujada é uma festa popular que ocorre principalmente em cidades do Norte do Brasil, como Parintins (Amazonas) e Bragança (Pará). É uma celebração que remonta ao período colonial e é uma fusão de elementos religiosos, folclóricos e culturais (SOUZA, 2018).

memórias da infância de uma criança de oito anos, eu era morador de uma comunidade ribeirinha localizada na foz do rio Mazagão, município de Mazagão Novo-Amapá¹¹, por não saber nadar, o que era considerado pela minha mãe, muito perigoso, portanto, o brincar nas marés de rios na companhia de outras crianças (primos e amigos), sempre foi visto como um espaço não apropriado para uma criança. Esse foi o principal motivo da mãe deixar de morar na comunidade e vir morar em Macapá.

Todavia, morar em Macapá me distanciou de viver uma infância ribeirinha, fui me movimentando como as águas do rio e aportei em outro espaço como Vila das Neves em Tracuateua, Estado do Pará, essas mudanças são importantes para aguçar o sentido da vida humana, portanto, anos depois retorno ao Estado do Amapá para ingressar no Curso de Educação Física na Universidade Federal do Amapá, o que me oportunizou enquanto acadêmico participar do Projeto de Extensão Pró-Estudante Natação, pois envolvia estudantes, funcionários e crianças da comunidade no entorno da Universidade.

É nesse contexto de participação enquanto bolsista do Projeto Natação em 2012, que me aproximei das infâncias e crianças ribeirinhas, pois ressignificou o banho de rio, aprender nadar e o quão é prazeroso vivenciar esses brincares. Na realização do plano de trabalho do projeto as práticas corporais foram realizadas durante as aulas de natação para as crianças da comunidade em torno da Universidade Federal do Amapá. Foi nesse contexto que me aproximei da Comunidade do Igarapé de Fortaleza e conheci as crianças que vivem as suas infâncias entre os brincares e brincadeiras nas marés do rio.

Do mesmo modo são as vivências na pesquisa com crianças que ingressei em 2018 como Professor do Instituto Federal do Amapá e nesse ínterim busco a formação contínua no exercício da profissão. Em 2021, fui aprovado no Curso de Mestrado do Programa em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) na Linha Educação, Linguagens e Interculturalidade na Amazônia e me aproximo da Linha Trabalho, Infâncias e Relações Étnico-Raciais¹² dos grupos de pesquisas GEPTE¹³ e NEAB¹⁴. A Linha coordenada pela orientadora me proporcionou momentos de estudos e discussões sobre uma infância universal, infâncias das Amazônia, do método de pesquisa com crianças e da relevância de se observar pesquisas no Brasil, em

11 O município de Mazagão Novo está localizado a cerca de 32 km ao sul de Macapá, a capital do Amapá.

12 Linha de pesquisa sob a coordenação da Professora Dra Ana Paula Vieira e Souza.

13 Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação sob a coordenação geral do Professor Dr. Ronaldo Marcos de Lima Araujo.

14 Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros sob a coordenação das Professoras Dra Raquel Amorim dos Santos e Ana Paula Vieira e Souza

particular na Região Norte do país sobre a temática investigada.

Academicamente, o que me motivou a pesquisar na com crianças ribeirinhas, foi a pouca visibilidade que as crianças ribeirinhas têm diante do cenário amazônico frente as pesquisas realizadas por pesquisadores do norte, e os poucos que param para ouvirem essas crianças.

A partir dessa compreensão realizei o levantamento bibliográfico na plataforma sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir do ano de 2022 (novo quadriênio), a fim de localizar estudos com a temática as infâncias ribeirinhas de crianças no brincar nas marés do rio, em Programas da área do conhecimento Educação (geralmente oferta o curso de Pedagogia e Educação Física) e interdisciplinar na Região Norte. Ainda se justifica pela inexistência de PPGs em Educação Física.

Conforme documento da área da Educação (BRASIL, 2019, p. 11), a Região Norte oferta quatorze Programas de Pós-Graduação em Educação, “abriga cursos, programas e pesquisas que focalizam amplos aspectos dos processos de formação humana, as suas concepções e fundamentos, bases epistemológicas, estruturas organizacionais e políticas para a educação escolar, não escolar, condições de qualidade, experiências e práticas, dimensões e diversidade, interfaces com outras áreas etc.” Assim, no PG da área de Educação a formação em nível de mestrado e doutorado abarca o profissional formado em Educação Física, o que justifica a escolha pela pesquisa bibliográfica nesse campo do conhecimento, bem como pela área interdisciplinar por ser mestrando do PPLSA, que é da área interdisciplinar.

No momento do levantamento de pesquisa na plataforma sucupira <https://catalogodeteses.capes.gov.br> busquei localizar teses e dissertações combinando os descritores - as Infâncias ribeirinhas e práticas corporais; as práticas corporais e brincades de crianças ribeirinhas a fim de identificar no título, resumo e palavras-chave, bem como observar o campo teórico metodológico sobre o método de abordagem em estudos com crianças no resumo.

Devido não localizar pesquisas com os dois descritores combinados as Infâncias ribeirinhas e práticas corporais; práticas corporais e brincades de crianças ribeirinhas fez-se necessário ampliar o levantamento outros descritores como infância e criança (uso no singular) e separados, apenas uma das categorias. Ao refinar o critério de busca, localizei uma tese do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, intitulada Entre o rio e a mata: um olhar decolonial sobre as imagens e representações das infâncias de crianças ribeirinhas e suas implicações na prática escolar nas ilhas de Abaetetuba-PA, de autoria da Maria Francisca Ribeiro Correa, defendida em 2022.

A tese analisou as imagens e representações das infâncias de crianças ribeirinhas no contexto das práticas escolares¹⁵ a partir de suas experiências e vivências na relação com os elementos presentes em seu cotidiano entre o rio e a mata em situação de brincadeiras. Elas brincam recriam novas brincadeiras e novas formas de brincar utilizando os objetos de seu contexto sociocultural. As crianças “produzem e socializam os saberes sobre o rio, a mata, a pesca, a baía e seus tempos/espaço”. A pesquisa aponta que ao frequentarem o espaço escolar elas são “adestradas para assumirem e adotarem outras identidades, outras maneiras de “ser” criança, de produzir suas infâncias”. Ainda, o estudo defende que a escola planeje o currículo com base no contexto de vida das crianças ribeirinhas. Em relação ao método de abordagem é sob o viés etnográfico e teoria decolonial.

No Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) o eixo central linguagens e saberes favorece a interação entre diferentes áreas do conhecimento e o campo epistemológico da pesquisa interdisciplinar, permitindo o estudo da Educação, Linguagens e Interculturalidade nos territórios amazônicos¹⁶. Além disso, a Linha considera a interseccionalidade de gênero, raça e classe social e estudos com crianças¹⁷, portanto ampliei os descritores para infâncias e brincares, brincadeiras e crianças; brincares de crianças.

Considerando o levantamento no Programa do PPLSA localizei algumas dissertações que tratam da pesquisa com crianças. A pesquisa de Ferreira (2021) aborda o tema das Infâncias, Brincadeiras e a produção da farinha na Comunidade Quilombola da América da Amazônia Bragantina¹⁸. Nesse estudo, as crianças enunciam os brincares relacionados aos saberes culturais na produção da farinha e revelam os seus brincares na casa da Farinha e no território quilombola como subir em árvores de mangueira para colher fruto e se alimentar entre as brincadeiras de pira manga e o contexto escolar.

15 Uma representação comum das crianças ribeirinhas é a de que elas têm uma relação profunda com a natureza devido ao seu ambiente de vida próximo a rios e corpos d'água. Isso pode ser considerado uma característica positiva, destacando a conexão delas com o meio ambiente e sua capacidade de aprender com a natureza (CORREA, 2022).

16 A intersecção entre educação, linguagens e interculturalidade nos territórios amazônicos é um tema complexo e significativo, que reflete a diversidade cultural, linguística e ambiental dessa região. A região amazônica abrange vários países e abriga uma variedade de grupos étnicos, línguas indígenas e práticas culturais únicas. A abordagem intercultural na educação busca reconhecer, valorizar e respeitar essa diversidade, promovendo uma educação inclusiva e sensível às diferentes realidades culturais e linguísticas.

17 Quando aplicada aos estudos com crianças, a interseccionalidade de gênero, raça e classe social permite uma análise mais profunda das experiências infantis, levando em consideração a forma como esses fatores se entrelaçam e influenciam as vivências das crianças.

18 A infância na região da Amazônia Bragantina, que engloba municípios como Bragança, Tracuateua e outros no estado do Pará, apresenta particularidades e influências relacionadas ao contexto amazônico (FERREIRA, 2021).

No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED), foi encontrado a dissertação de Brandão (2019), que trata dos Saberes Culturais Ribeirinhos, explorando o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol, no Arquipélago do Bailique-AP, portanto é um estudo sobre crianças nas falas de adultos.

No Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSC) da Universidade Federal da Amazônia (UFAM), foi identificado a pesquisa de Silva (2014) que aborda a temática das Infâncias e o Brincar no Contexto Escolar. No Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) do Instituto de Ciência da Educação, que faz parte da rede Educanorte, envolvendo diversas universidades da região Norte, não foram encontradas teses sobre as infâncias e crianças ribeirinhas e os brincares de crianças.

Ao pesquisar nos Programas de Pós-Graduação em Educação de Cametá (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE-UFAC) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Tocantins, não localizei dissertações relacionadas às infâncias ribeirinhas e seus brincares e nem crianças e brincares.

Considerando os PPGs da Região Norte é possível inferir que há uma escassez de pesquisas de mestrado e doutorado considerando o quadriênio 2022, pois as pesquisas que tratam infâncias ribeirinhas são anteriores ao marco do levantamento, pude localizar entre 2007 e 2011, vários muitos estudos com crianças na Universidade Estadual do Pará (UEPA). Todavia, ao refinar o ano, área de concentração, Instituições Federais da Região Norte e as categorias infâncias ribeirinhas; crianças ribeirinhas e o contexto de brincares de crianças, sobretudo, quando o recorte buscou encontrar crianças ribeirinhas em situação de brincares nas marés de rio o que evidencia que raras pesquisas com crianças e seus brincares nas marés do rio, bem como há ausências de estudos em que a criança fala da sua infância ribeirinha e os brincares nas marés do rio.

Isto posto, considero que o levantamento bibliográfico foi fundamental para observar as produções com crianças tão necessárias para o reconhecimento de infância e infâncias na Amazônia. Portanto, dessa ausência de estudos escutando crianças sobre os brincares nas marés de rio, que apresento o problema da pesquisa. Nele busco investigar o que dizem as crianças ribeirinhas sobre os brincares nas marés do rio da Comunidade do Igarapé da Fortaleza e as práticas corporais das infâncias ribeirinhas da Amazônia amapaense?

E para dar conta de responder ao problema que apresento os objetivos. De modo geral

me proponho a analisar as discursividades das crianças em situação de brincares e as práticas corporais das infâncias ribeirinhas nas marés do rio da comunidade do Igarapé da Fortaleza, na região da Amazônia amapaense.

E, para alcançar o objetivo geral apresento os seguintes objetivos específicos: 1) Identificar as práticas corporais das infâncias ribeirinhas no âmbito da comunidade do Igarapé da Fortaleza na ação dos brincares nas marés do rio; 2) Observar os brincares das crianças nas marés do rio no contexto da Comunidade do Igarapé da Fortaleza; 3) Apresentar as práticas corporais e os brincares das crianças ribeirinhas na região do Igarapé da Fortaleza, na Amazônia amapaense.

As crianças da Amazônia amapaense estão em constante movimento nas marés do rio, produzem culturas infantis a partir dos brincares com as pipas nas canoas e barcos, brincam de lenço e pira pega nas marés, assim como os estudos de Souza (2018, 2020) apontam elas valorizam a natureza e os brincares no contexto social de suas famílias. Elas criam estratégias para ganhar habilidades no futebol na lama, em cortar a pipa do outro colega, portanto, corpo e mente em conexão com as práticas corporais.

Nesse sentido, Alves (2014) considera que as crianças são constituídas nas relações do seu contexto e constroem suas opiniões a partir das próprias percepções de mundo físico e social, ou seja, são pessoas historicamente constituintes de vozes, as quais revelam as interpretações de elementos do seu social e das culturas infantis produzidas por elas.

O texto da dissertação está organizado em três seções que dialogam entre si. Na Introdução apresento a temática central, as motivações pessoal e acadêmica pelo tema, o cenário da pesquisa sobre a temática em programas da Região Norte, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa do objeto de estudo.

Na segunda seção apresento o método de abordagem e os procedimentos metodológicos adotados na geração dos dados, a realização da pesquisa de campo empírico, a descrição da área de estudo, o *lócus*, as técnicas que geraram os dados, a forma de organização do corpus e análise do conteúdo que gera os eixos temáticos da pesquisa.

Na terceira seção, trago alguns resultados, a priori, um diálogo com a teoria que fundamenta a temática da pesquisa, bem como, algumas inferências considerando as categorias do trabalho como princípio educativo e a emancipação humana de base marxista. Nas considerações busco tecer algumas conclusões que a pesquisa revela ao responder o problema investigado.

2 MÉTODO DE ABORDAGEM DA PESQUISA

Nesta seção apresento o método utilizado para construir esta pesquisa, neste sentido esta pesquisa tem aporte teórico no materialismo histórico-dialético, para analisar as dimensões dos brincar relacionado ao trabalho como princípio educativo e as práticas corporais como dimensão de emancipação humana das crianças ribeirinhas da realidade da Amazônia amapaense. Portanto, considero analisar as duas dimensões fundamentais e inerentes a vida da criança, que é o brincar como uma atividade emancipatória e constituidora do ser humano e o trabalho como princípio educativo em diálogo com as práticas corporais, com base teórica nas obras de Karl Marx e Antônio Gramsci.

O método do materialismo histórico-dialético aborda a história dialeticamente entre passado e presente nas relações sociais e das condições materiais e contradições presentes nas estruturas da sociedade. Segundo Marx (2010), a história não linear ou cronológica, mas é atravessada pelos fenômenos sociais da sociedade capitalista. No sistema do capital, a produção do trabalho humano se manifesta em duas grandes dimensões trabalho emancipador e alienado, um satisfaz necessidades sociais e outro é o valor de uma mercadoria.

Com base no método escolhido é possível interligar entre a atividade reflexiva e a ação política como ponto de partida da transformação social, o que pressupõe que o pesquisador deve estar inserido na realidade material histórica para interpretar os fenômenos sociais que estão ali postos, assim, a pesquisa de campo empírico com as crianças do Igarapé do Fortaleza foi necessária para observar os fenômenos sociais nos brincar nas marés do rio. Essa teoria do materialismo-histórico-dialético foi utilizada nessa dissertação por destacar a importância do contexto social e cultural na formação e desenvolvimento das crianças ribeirinhas e as infâncias da Amazônia amapaense.

O materialismo histórico, segundo a teoria marxista, envolve análises aprofundadas da realidade material e das relações de produção, bases da sociedade. Marx acreditava que as condições materiais moldavam a consciência e as ações das pessoas, e, portanto, compreendê-las é estudar as relações de classe, sem se limitar a observar as diferenças de renda ou *status*; mas, mergulhar nas relações de propriedade, dinâmicas de exploração, e, formas da economia capitalista na vida das pessoas (COELHO, 2023).

Conforme Marx (2010, p. 5) “[...] não é a consciência dos homens [das mulheres, das crianças] que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”. Essa consciência de classe que permite o reconhecimento da cultura, história e das relações sociais estabelecidas entre pessoas como fatores fundamentais no processo de

humanização do ser social coletivo na interação com o meio natural. Do mesmo modo, um dos princípios centrais do método de Marx (2010) parte da ideia de que os fenômenos devem ser estudados como processos em movimento e em constante mudança, portanto dialógico e dialético.

Nesse contexto, o brincar é visto como uma atividade emancipatória, na medida em que as crianças têm a oportunidade de expressar sua criatividade, imaginação e autonomia, além de estabelecer conexão com natureza e o meio ambiente social por meio de brincadeiras. O brincar é uma forma de linguagem das crianças, elas usam como resistência às estruturas sociais, pois permite que elas construam suas próprias vivências e compreendam o universo infantil e mundo adulto ao seu redor.

Por outro lado, a perspectiva do trabalho como princípio educativo se manifesta na relação criança e natureza, como um trabalho produtivo que desempenha um papel central nessa relação das infâncias ribeirinhas quando brincam nas marés e empinam pipas nos barcos. Conforme Marx (2010), o trabalho é condição necessária da existência humana, assim os brincar das crianças permite a elas assimilar a natureza e torná-la sua. As crianças ao confeccionarem os brinquedos com recursos naturais estão transformando esses recursos da natureza para atender às suas necessidades e criar condições mais favoráveis à sua existência.

Essa perspectiva da relação criança e natureza para Gramsci (2011) se caracteriza no trabalho como princípio educativo, em que o brincar é um trabalho pedagógico, portanto uma atividade fundamental que permite a ela interagir com a natureza e transforma em brinquedos. Para o autor o trabalho como princípio educativo na relação criança e natureza envolver questões culturais e ideológicas, pois as crianças ao se relacionarem com o contexto da

natureza são por ela influenciada e são moldados pelas relações sociais existentes na Comunidade do Igarapé da Fortaleza.

Na comunidade do Igarapé da Fortaleza, o trabalho pode ser compreendido como uma atividade educativa, em que as crianças aprendem habilidades práticas, valores culturais e conhecimentos que são transmitidos de geração em geração. Sob o viés de Marx (2010), o brincar oferece um olhar sobre a dinâmica social e o processo de formação da identidade das crianças da Amazônia amapaense. O brincar como atividade emancipatória possibilita a experimentação de diferentes papéis e cenários, permitindo que as crianças desafiem normas e construam seu entendimento sobre o mundo como ocorre ao observarem os estaleiros de construção dos barcos.

Segundo a abordagem crítico-superadora, a cultura das crianças como ponto de partida

para as práticas corporais. Isso implica entender as preferências, experiências e conhecimentos das crianças, incorporando elementos culturais em jogos, brincadeiras e atividades físicas. A abordagem incentiva a participação ativa das crianças nas decisões sobre as atividades físicas. Elas são convidadas a opinar, planejar e escolher as práticas corporais, aumentando seu engajamento e empoderamento (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na abordagem crítico-superadora, o brincar e as práticas corporais são vistos como formas de expressão cultural, socialização, aprendizado e desenvolvimento integral das crianças. Essa abordagem busca empoderar as crianças, promovendo uma compreensão crítica e reflexiva das práticas corporais, ao mesmo tempo em que valoriza suas identidades culturais e individuais.

Pois dentro da perspectiva de invisibilidade diante dos poderes públicos, e falta de investimento em infraestrutura de lazer na comunidade, as crianças superam todas essas dificuldades sociais. Quando usam o rio como palco de suas brincadeiras.

Dentro desta perspectiva, o Coletivo de Autores (1992) apresenta a Cultura Corporal e seus diferentes temas (o esporte, a ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a mímica) é o que permeia as discussões no âmbito da área do conhecimento da Educação Física dentro da proposta Crítico Superadora.

A abordagem Crítico Superadora está fundamentada no marxismo e néo-marxismo, embasada no discurso da justiça social no contexto da sua prática. Na Educação Física a grande influência advém dos educadores José Carlos Libâneo e Dermeval Saviani, (RIGO, NASCIMENTO, LUCION, 2013, P. 13).

Quando se observa a construção de barcos sobre as águas é possível inferir uma relação humana e natureza, em que o ser humano modifica a árvore a seu serviço, que é o trabalho como emancipação humana.

Figura 1- Estaleiro de construção artesanal de barco sobre o Igarapé



Fonte: (autor), 2023 1

Na fotografia a construção artesanal do barco sobre o rio faz parte do cotidiano dos moradores e das crianças do Igarapé da Fortaleza da Amazônia amapaense, pois as crianças estão presentes observando o trabalho dos adultos, é uma atividade que se conecta de forma inerente ao meio natural, portanto manifesta também o trabalho como princípio educativo quando as infâncias ribeirinhas observam e aprendem os saberes tradicionais na produção do barco, que é um saber geracional nas famílias de comunidades.

A presença das crianças observando o trabalho dos adultos ressalta a importância da transmissão de saberes tradicionais de geração em geração. A construção do barco é um exemplo de conhecimento ancestral que é compartilhado entre as famílias e comunidades, representando um processo educativo informal e intergeracional.

Figura 2- Crianças empinando pipas em cima do barco



Fonte: (autor), 2023 2

Na Comunidade do Igarapé da Fortaleza os moradores constroem barcos como modo de trabalho essencial para a vida das pessoas que vivem às margens do rio, por ser um meio de transporte fundamental para deslocamento entre comunidades, acesso aos recursos naturais, elemento do trabalho da pesca artesanal. O barco da fotografia ao mostrar a prática de construir barcos representa uma tradição cultural passada de geração em geração, evidenciando a sabedoria e conhecimento local sobre o uso sustentável dos recursos naturais disponíveis. O trabalho, nesse contexto, é uma atividade que não apenas atende às necessidades das pessoas, mas também mantém uma conexão respeitosa com a natureza.

Enquanto os adultos se dedicam ao trabalho de construção dos barcos, as crianças os rodeiam e encontram espaço para brincar. Essa cena retrata a dinâmica da vida ribeirinha, em que o trabalho e o brincar coexistem de forma natural e complementar.

2.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é um conjunto de abordagens, técnicas e procedimentos utilizados para mostrar o passo a passo da pesquisa, examinar e interpretar os dados coletados em uma pesquisa ou estudo. A escolha da metodologia de análise depende da natureza dos dados, dos objetivos da pesquisa e das questões que você pretende responder (CHIZZOTTI, 2010).

O aporte teórico da abordagem qualitativa contribuiu para identificar interpretações, compreensões e significados das informações geradas das técnicas aplicadas junto das crianças, aproximando-se do contexto vivenciado pelo grupo social investigado (CHIZZOTTI, 2010).

A autora Teixeira (2012), ressalta que a esfera da pesquisa qualitativa traz uma aproximação maior entre a teoria e os dados, entre contexto e ação, é holística e real, busca compreender os fenômenos pela descrição e interpretação, pois, analisa o contexto a partir das narrativas dos sujeitos, para compreender os fenômenos sociais em foco. A opção por esta metodologia ocorreu em virtude de responder com maior efeito às expectativas da pesquisa, no sentido ouvir a voz dos sujeitos e de harmonizar o estudo de maneira que conseguisse capturar a voz das criança-atoras.

2.2 A ÁREA DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada na Comunidade do Igarapé da Fortaleza, localizada no extremo sul da cidade de Macapá (AP). Recebeu esse nome devido à sua proximidade geográfica e relação histórica com o curso d'água em questão. É às margens desse igarapé que as crianças assentaram, e seus pais consentiram, de forma livre e voluntária, participarem da pesquisa.

A comunidade do Igarapé da Fortaleza está localizada próxima à Rodovia JK, que serve como uma importante via de acesso ao município de Santana. Essa rodovia é marcada por uma ponte que atravessa o Igarapé da Fortaleza, um curso d'água que separa os municípios de Macapá e Santana (Figura 10).

O contexto geográfico da comunidade do Igarapé do Fortaleza evidencia um perfil de comunidade tradicional amazônica, com moradores ribeirinhos do Estado do Amapá, distante da capital cerca de 20 km, com escolas e pequenos negócios, intensa flora e da fauna (BRITO; FERNANDES, 2016). Além de possuir importante atividade comercial em área portuária precária, a qual recebe embarcações para comércio de pescados, camarões e açaí (BRITO, 2008).

Figura 3- Visão aérea da comunidade Igarapé da Fortaleza.

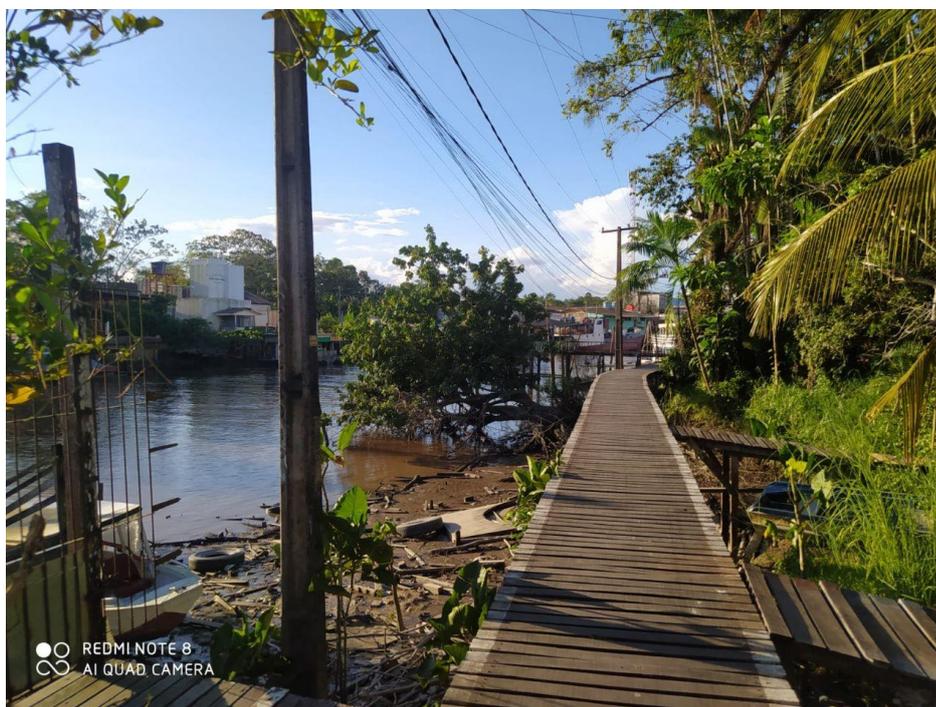


Fonte: Google Earth (2023).

Na imagem do *Google Earth* é mostrada uma visão aérea da área da Comunidade do Igarapé da Fortaleza, aparece a ponte sobre o território estudado e ao lado direito dela está localizado o Município de Macapá e ao lado esquerdo o Município de Santana, bem como mostra a Comunidade Ribeirinha do Igarapé da Fortaleza na margem do rio.

O dado do Instituto Brasileiro Geográfico (IBGE) de 2020 indica uma população de 6.185 habitantes, um crescimento de pessoas que migraram de ilhas ribeirinhas do Estado do Pará em busca de trabalho para a Comunidade Ribeirinha do Igarapé da Fortaleza. As casas em sua grande maioria são feitas de madeira, com pontes e nenhum saneamento básico. A mobilidade dentro do local somente é feita no acesso as pontes de madeira. Essas pontes carecem de manutenção pela ação do tempo (CUNHA *et al.*, 2003; FIGUEIRA, 2013). Todavia, as crianças transitam no vai e vem nessas pontes, buscam se equilibrar evitando cair e acidentes.

Figura 4 – Passarelas da comunidade do Igarapé da Fortaleza



Fonte: (autor), 2023 3

Os moradores da comunidade do Igarapé da fortaleza transitam pelas passarelas feitas de madeiras, o fluxo de pessoas, animais, moto e bicicletas são constantes por essas vias de madeira. Cada casa da comunidade tem uma área onde encosta sua embarcação, seja ela canoa, rabeta, ou até mesmo lancha como os moradores chamam para pequenos barcos feitos de madeira.

2.3 AS CRIANÇAS COLABORADORAS DA PESQUISA

As crianças são moradoras da Comunidade ribeirinha do Igarapé da Fortaleza, Macapá (AP). São filhas e filhos de trabalhadores que tiram seu sustento da pesca, da coleta do açaí e de pequenos comércios. Na entrada da Comunidade tem o restaurante bem conhecido, Restaurante da Flora, pelo sabor da culinária regional a base de marisco e pescado. Os pescados, segundo as s crianças, vem do baixo do rio Amazonas e chega até o porto para ser comercializado. Outra fonte de renda é a coleta de açaí também é uma base da economia da comunidade, é realizada em comunidades próximas da cidade de Macapá como: Ilha do Morcego, ilha do Afuá, ilha Furo da Cidade e outras próximas, as crianças estudam em escolas localizadas na própria comunidade.

Participaram 14 crianças, sendo que observei que apenas duas crianças estão inseridas

com os seus pais na coleta do açaí de meia¹⁹. Os pais justificam o trabalho das crianças por considerarem que são mais leves para subirem nos açaizeiros e tirarem os cachos de açaí. Nesse sentido, duas crianças estão em situação de trabalho infantil²⁰. As crianças têm idades entre 09 e 12 anos, conforme a tabela 1.

Tabela 1. Perfil das crianças ribeirinhas participantes da pesquisa.

Nome	Gênero	Idade	Escolaridade	Igarapé da Fortaleza/ AP
Ezequiel	Masculino	12 anos	5º ano	Morador
Vitória	Feminino	11 anos	5º ano	Morador
Jhenifer	Feminino	12 anos	6º ano	Morador
Thiago	Masculino	10 anos	4º ano	Morador
Jhonata	Masculino	12 anos	6º ano	Morador
Jailene	Feminino	09 anos	4º ano	Morador
Denilson	Masculino	11 anos	5º ano	Morador
Soyane	Feminino	10 anos	4ºano	Morador
Camila	Feminino	10 anos	4º ano	Morador
Ariadeny	Feminino	11 anos	5º ano	Morador
Júlio	Masculino	12 anos	6º ano	Morador
Isabel	Feminino	11 anos	5º ano	Morador
Maria	Feminino	09 anos	4º ano	Morador
Estela	Feminino	11 anos	6º ano	Morador

As crianças são identificadas pelos seus nomes, autorizados por elas e pelos responsáveis delas (pais ou mães). A média da faixa etária compreende crianças de nove anos a doze anos, sendo quatro com doze anos, três com dez anos, cinco com onze anos e duas com nove anos.

Em relação ao gênero, nove crianças são do gênero feminino e cinco são do gênero masculino. Todas as crianças estão devidamente matriculadas na escola, sendo que treze delas estão cursando o Ensino Fundamental Anos Finais, apenas uma criança cursa o Ensino

19 A tirada de meia é quando o dono do açaizal divide quem sube nos açaizeiros para apanhar os cachos de açaí.

20 Consultar o Livro de Ana Paula Souza sobre o trabalho infantil que é uma exploração da força infantil e que causa sofrimento e limita o desenvolvimento pleno e o direito de viver a sua infância.

Fundamental Anos Iniciais. É importante ressaltar que todas as crianças são filhas de moradores da comunidade e residem no Igarapé da Fortaleza.

De acordo com dados do censo de 2010 do IBGE, a comunidade do Igarapé da Fortaleza possuía 492 crianças residentes. No entanto, informações atualizadas mais recentes ainda não foram divulgadas, tornando esses dados de 2010 os mais recentes disponíveis até o momento.

2.4 A GERAÇÃO DOS DADOS

Para a geração dos dados, alguns procedimentos metodológicos foram selecionados, entre os quais, para realizar a pesquisa de campo empírica: a observação participante, roda de conversa e o uso de fotografias. Procedimentos que se constituíram como recursos na composição do material para poder entender as práticas corporais das infâncias da comunidade estudada a partir das crianças. Essas técnicas possibilitaram coletar informações valiosas sobre as percepções e vivências das crianças sobre os brincar e as práticas corporais.

Nesse processo, foram adotadas estratégias e técnicas para a análise dos dados, visando identificar os eventos relevantes nas ações dos brincar das crianças nas águas do rio. A partir disso, foram feitas interpretações e inferências com base no contexto da pesquisa e nas teorias e referências relevantes. A roda de conversa foi uma estratégia utilizada para promover a comunicação e o diálogo entre as crianças, incentivando-as a expressar suas ideias, pensamentos e experiências.

Na análise dos dados, foi adotada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que abrange um conjunto de técnicas durante as visitas à comunidade Igarapé da Fortaleza. Os dados obtidos com as rodas de conversa foram considerados e um protocolo para a realização de fotografias, com autorização dos responsáveis das crianças participantes.

Na mesma perspectiva, para Bardin (2016), no processo de tratamento de dados baseado na Análise de conteúdo, há um campo de investigação que busca compreender um saber que está por trás da superfície textual, antes vista como neutra, e agora em controvérsia, surge uma nova concepção de que em toda mensagem há um sentido e um significado.

Nesse viés enquanto os adultos desempenham suas atividades de construção de barcos, as crianças têm a oportunidade de observar e aprender com as práticas dos mais velhos. Essa observação pode ser uma importante fonte de aprendizado para as crianças, pois elas têm a chance de absorver conhecimentos e habilidades transmitidos através das gerações.

Ao mesmo tempo, o momento de trabalho dos adultos também proporciona um ambiente propício para a brincadeira das crianças. Elas encontram diversão e entretenimento enquanto criam suas próprias atividades lúdicas ao redor do local de trabalho. O brincar nesse

contexto pode envolver jogos imaginativos, exploração da natureza e interações sociais entre as crianças.

Essa convivência harmoniosa entre trabalho e brincar reflete a conexão profunda entre a comunidade e a natureza. A construção de barcos é uma atividade que está diretamente ligada à relação com o rio e a necessidade de navegação na região. Ao mesmo tempo, a presença das crianças brincando ressalta a importância da infância no contexto ribeirinho, onde o contato com a natureza e o aprendizado por meio das experiências é valorizado.

É importante ressaltar que a relação entre trabalho e natureza na sociedade do Igarapé da Fortaleza é dinâmica, ou seja, está em constante evolução e adaptação às mudanças do ambiente e das demandas sociais. À medida que a comunidade enfrenta desafios socioambientais, o trabalho e as práticas produtivas são ajustados para garantir a sustentabilidade dos recursos naturais e a preservação da cultura local.

Nesse cenário, o trabalho também pode estar relacionado a atividade do extrativismo, pesca, agricultura de subsistência e outras práticas que se entrelaçam com a vida ribeirinha. A relação simbiótica entre trabalho e natureza é uma característica fundamental da sociedade do Igarapé da Fortaleza, onde a sobrevivência e o bem-estar das pessoas estão intrinsecamente ligados à preservação e respeito pelo ambiente natural que as cerca.

Na comunidade do Igarapé da Fortaleza, o trabalho pode ser compreendido como uma atividade educativa, na qual as crianças aprendem habilidades práticas, valores culturais e conhecimentos que são transmitidos de geração em geração. Sob o viés de Marx, o brincar e o trabalho, quando explorados em conjunto, oferecem um olhar sobre a dinâmica social e o processo de formação da identidade das crianças ribeirinhas. O brincar como atividade emancipatória possibilita a experimentação de diferentes papéis e cenários, permitindo que as crianças desafiem normas e construam seu entendimento sobre o mundo. Já o trabalho como princípio educativo, ou seja, para Gramsci, reforça a importância das atividades produtivas na transmissão de conhecimentos culturais e no desenvolvimento integral das crianças.

Essas duas dimensões, as práticas corporais e o brincar das infâncias na Amazônia amapaense, estão profundamente interconectadas, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes de si mesmos e do contexto em que vivem. Ao se basear nas contribuições teóricas de Marx e Gramsci, é possível enriquecer a compreensão das práticas educativas e culturais experimentadas por essas crianças, valorizando suas experiências e promovendo uma educação mais inclusiva e emancipatória para essas comunidades.

Para a geração dos dados, foram utilizadas técnicas como observação participante, roda

de conversa, baseadas nos estudos de Souza (2020) e em interação com as crianças colaboradoras da pesquisa. Nesse processo, foram adotadas estratégias e técnicas para a análise dos dados, visando a identificação de padrões, categorias ou temas relevantes. A partir disso, foram feitas interpretações e inferências com base no contexto da pesquisa e nas teorias e referências relevantes.

A roda de conversa foi uma estratégia utilizada para promover a comunicação e o diálogo entre as crianças, e o pesquisador, incentivando-as a expressar suas ideias, pensamentos e experiências.

Esta técnica segundo a autora Minayo (2002) se realiza através do contato

Essa técnica possibilitou a coleta de informações valiosas sobre as percepções e vivências das crianças em relação a diferentes aspectos de suas vidas na comunidade.

2.4.1 Visita à Comunidade e Termo de Concordância das crianças e Consentimento Livre dos responsáveis pelas crianças

Em 2022, voltei a Comunidade do Igarapé da Fortaleza, Macapá (AP) para dialogar com as crianças e os responsáveis por elas. Apresentei o plano de trabalho da pesquisa e o objetivo principal, bem como do interesse em dialogar com as crianças. Criei um cronograma de visitas, os termos de compromisso do estudo, ainda falei de sempre poderem solicitar esclarecimentos sobre dúvidas. Assim, pais e mães assinaram a autorização para a participação das crianças, bem como as crianças assinaram o termo de assentimento, que também foi gravado.

As visitas à comunidade foram realizadas com o intuito de estabelecer uma relação de confiança e respeito com os moradores e, principalmente, com as crianças que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Durante esses encontros, foram explicados detalhadamente os objetivos e o alcance da pesquisa, destacando a importância da participação das crianças e dos responsáveis. Para garantir a proteção dos direitos das crianças envolvidas na pesquisa, foram elaborados dois tipos de autorização: o Termo de Assentimento das crianças e o Consentimento Livre dos responsáveis.

O Termo de Assentimento foi direcionado às crianças, e nele foram explicados de modo objetivo e com uma linguagem acessível de entendimento delas, os objetivos da pesquisa, a natureza das atividades que seriam realizadas e os direitos que têm em relação à participação. A assinatura do Termo de Assentimento foi voluntária, e as crianças foram informadas de que poderiam retirar seu consentimento a qualquer momento sem qualquer tipo de penalização.

O Consentimento Livre foi dirigido aos responsáveis pelas crianças, informando-os sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como os possíveis riscos e benefícios

envolvidos na participação. Os responsáveis foram convidados a autorizar a participação de seus filhos, e foram esclarecidos sobre a confidencialidade das informações coletadas.

Além das autorizações, durante as visitas à comunidade, foram estabelecidos laços de respeito e afetividade com os moradores e as crianças. Assim, o pesquisador procurou ouvir as histórias e experiências locais, respeitando os saberes e a cultura da comunidade, relacionando os questionamentos propostos e relacionados aos objetivos da pesquisa.

Todo o processo de encaminhamento da pesquisa e obtenção das autorizações seguiu rigorosos padrões éticos, respeitando os direitos das crianças e de suas famílias. A abordagem foi pautada na promoção da inclusão e protagonismo das crianças, permitindo que elas participassem ativamente do estudo e tivessem o direito de falar de si. Durante as visitas à comunidade, estabeleceu-se um diálogo com as crianças, buscando compreender sua realidade e elementos culturais, como brincadeiras e práticas corporais, que elas consideravam muito prazerosas.

Para a coleta dos dados, foram utilizadas técnicas com base nas pesquisas de Souza (2009, 2014, 2018, 2020), em que destaca a importância das atividades de painéis na aproximação do pesquisador e as crianças. As técnicas empregadas foram planejadas de forma criativa, visando motivar as crianças a participarem dos diálogos iniciais e se sentirem confortáveis para se expressarem.

As principais técnicas utilizadas foram observação participante, roda de conversa e o uso de fotografias. A observação participante permitiu ao pesquisador interagir, escutar e observar as vivências das crianças durante o banho de rio, o brincar nas marés do rio e os jogos após a vazante dela. A roda de conversa permitiu interações e momentos dialógicos e compartilhamentos de saberes e aprendizados. As crianças expressaram as suas opiniões, experiências e conhecimentos sobre o brincar no rio e na ponte. O uso de fotografias proporcionou uma forma visual de documentar as brincadeiras e práticas corporais das crianças. A utilização de uma câmera fotográfica de alta resolução na captura de imagens permitiu registrar momentos espontâneos das crianças durante suas brincadeiras e práticas corporais.

Ao adotar essa abordagem metodológica, a pesquisa buscou não apenas compreender as práticas corporais e brincadeiras das crianças, mas também estabelecer uma relação próxima com a comunidade, valorizando seus saberes e promovendo uma pesquisa ética, participativa e responsável.

2.4.2 Observação Participante

Esta técnica de pesquisa segundo a autora Minayo (2002, p. 59), se realiza através do

contato direto do pesquisador com o fenômeno pesquisado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. Segunda a autora Minayo (2002) essa técnica estabelece um contato face a face com os personagens da pesquisa, sendo que a importância desta técnica está no fato de podermos capturar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meios de entrevistas ou conversas diretas.

A observação participante, segundo Souza (2009, 2020) é uma técnica de pesquisa que proporciona momentos ricos de troca e compartilhamento de conhecimentos tradicionais, os quais serão transformados de acordo com a subjetividade do pesquisador. Nesse tipo de abordagem, a coleta de dados é realizada de forma abrangente, buscando acumular informações sem seletividade, o que permite uma análise mais aprofundada posteriormente.

É essencial que o pesquisador esteja atento às interações dialogais das crianças durante as observações. Isso inclui respeitar o tempo de fala de cada criança e ouvi-las atentamente, pois o objetivo é captar as situações em que os comportamentos e práticas discursivas se produzem. Já na observação participante, foram observados diversos brincades e práticas corporais das crianças.

As práticas corporais na teoria referem-se às diversas formas de movimento do corpo humano, envolvendo atividades físicas, jogos, danças e outras manifestações lúdicas. No tempo do brincar das crianças foram observadas diversas práticas corporais, como corridas, saltos, pulos, equilíbrios, movimentos ritmados e expressões corporais. As crianças demonstraram habilidades motoras desenvolvidas nas brincadeiras, além de uma rica expressividade corporal ao se envolverem nas atividades.

As brincadeiras foram observadas em diferentes locais da comunidade, como nas pontes e na beira do rio, em espaços de encontros das crianças em busca do lazer e divertimento ao interagirem com a natureza. Foi possível observar a forma como as crianças se organizavam para os jogos de futebol, as regras que estabeleciam para as brincadeiras de lenço e como se envolviam nas práticas corporais e a criatividade nas atividades.

Além disso, a observação participante permitiu compreender a dinâmica social e cultural da comunidade, as relações entre as crianças e com os adultos, e como o espaço físico do Igarapé da Fortaleza se tornava palco para a manifestação das práticas corporais e brincadeiras das crianças.

Esses eventos observados foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, fornecendo informações valiosas sobre a vivência das crianças na comunidade e enriquecendo a compreensão das práticas corporais e brincadeiras na Amazônia amapaense, em especial no

contexto do Igarapé da Fortaleza. Dessa forma, os dados coletados garantem uma interpretação situada no contexto e no tempo das atividades e brincadeiras das crianças na comunidade do Igarapé da Fortaleza.

2.4.3 Fotografias

O uso de imagens em pesquisa deve ser considerado como um texto que descreve a realidade do momento vivido, sobretudo, sob o prisma de quem fotografou. É uma técnica que enriquece os dados ao capturar visualmente o cotidiano e as interações das crianças na comunidade do Igarapé da Fortaleza. As fotografias permitiram registrar de forma mais detalhada as brincadeiras, expressões faciais, gestos e outras manifestações das crianças durante suas atividades lúdicas. Essa abordagem visual complementou as informações obtidas por meio das entrevistas e observações, proporcionando uma visão mais completa e rica das práticas corporais e dos brincades das crianças na região amapaense.

Diante das possíveis possibilidades de investigação do contexto Social autores como Chizzotti (2008) e Souza (2014) afirmam que a pesquisa qualitativa não possui uma linha reta, ou um padrão a ser seguido, essa abordagem qualitativa permite articular com outros métodos de pesquisa. Diante dessa possibilidade utilizamos a etnofotografia como elemento metodológico para ampliar a visibilidade das crianças da comunidade ribeirinha do Igarapé da Fortaleza/ AP.

No sentido de ampliar visibilidade, os autores Tiballi e Jorge (2017) afirmam que a fotografia é uma maneira de linguagem de caráter não verbal, capaz de ilustrar e apresentar a realidade social pesquisada.

A técnica da fotografia foi utilizada como parte integrante da observação participante. O pesquisador utilizou um celular do tipo smartphone para capturar imagens das crianças durante suas atividades de brincadeiras, seja nas margens do rio, nas pontes ou em outros locais da comunidade. A utilização dessa técnica possibilitou registrar momentos espontâneos e genuínos das crianças, bem como aspectos relevantes das práticas corporais e brincadeiras, contribuindo para uma análise mais abrangente e contextualizada da infância na Amazônia amapaense.

A técnica fotográfica proporcionou um registro visual rico e complementar às demais formas de coleta de dados, permitindo uma documentação mais completa das vivências e experiências das crianças na comunidade do Igarapé da Fortaleza. As fotos foram analisadas juntamente com os demais dados coletados, contribuindo para uma compreensão mais ampla e contextualizada das falas das crianças.

Durante a análise das fotografias, foram observados elementos visuais, como expressões faciais, gestos, cenários e objetos presentes nas imagens, buscando identificar significados e conexões com os demais dados coletados. A análise das fotos também contribuiu para enriquecer as interpretações e inferências realizadas ao longo da pesquisa.

Vale ressaltar que a utilização da técnica fotográfica respeitou princípios éticos, incluindo o consentimento informado dos participantes, a preservação da privacidade e a utilização das imagens apenas para fins acadêmicos. A utilização das fotos foi feita de forma cuidadosa e responsável, valorizando a contribuição visual para a compreensão das vivências das crianças na comunidade do Igarapé da Fortaleza.

2.4.4 Roda de Conversa

A utilização da técnica de roda de conversa proporcionou um valioso diálogo com as crianças da comunidade do Igarapé da Fortaleza. A roda de conversa permitiu uma interação em grupo, possibilitando que as crianças compartilhassem suas experiências, opiniões e concepções sobre os brincades e as práticas corporais na comunidade. Durante essa técnica, foram provocadas temáticas relacionadas às brincadeiras favoritas, as formas de brincar, as interações com os amigos durante as brincadeiras, e as memórias afetivas associadas ao brincar no contexto da comunidade, as práticas corporais e outras questões relevantes ao assunto das infâncias e dos brincades na Amazônia amapaense.

As temáticas provocadas durante a roda de conversa e as observações dos brincades proporcionaram uma compreensão mais profunda das práticas corporais nas infâncias das crianças do Igarapé da Fortaleza. Essas rodas de conversa foram realizadas em grupos de quatro a cinco crianças, para facilitar o diálogo do pesquisador e dos protagonistas da pesquisa. Foi possível identificar como as crianças exploram seus corpos, desenvolvem suas habilidades motoras e expressam sua criatividade durante as brincadeiras. Além disso, as conversas em grupo permitiram que as crianças compartilhassem suas percepções sobre a importância do brincar na vida cotidiana da comunidade e sua relevância no contexto social e cultural em que estão inseridas.

Essa abordagem qualitativa possibilitou uma análise mais contextualizada e sensível dos brincades e das práticas corporais das crianças, revelando sua relação íntima com o meio ambiente, suas tradições e suas vivências na região amapaense da Amazônia, principalmente, valorizar a escuta das falas das crianças sobre o tempo do brincar nas marés do rio.

A utilização da roda de conversa que segundo Souza (2020) deve ser seguido critérios cuidadosamente planejados para garantir um encaminhamento metodológico adequado aos

momentos de realização dos encontros com as crianças. Para a autora, a roda de conversa toma de empréstimo a técnica do grupo focal sendo adaptada para um grupo menor de participantes, quando o público são as crianças. Portanto, é organizada a partir de um roteiro de perguntas, critérios de idades, temas comuns as crianças, deixar que elas escolham também um tema para o diálogo, o mais importante na roda é permitir que as crianças se expressem, assim permitir as interações entre elas e quem pesquisa.

Outro elemento importante da roda de conversa é escutar um grupo maior e depois criar estratégias de dividir em grupo entre três e quatro crianças para facilitar a interação entre elas e o pesquisador e o registro das escutas e dos encontros.

Esses critérios foram adotados para assegurar que as rodas de conversa fossem produtivas e proporcionam uma rica troca de informações e experiências entre as crianças. Através desses encontros, foi possível obter valiosas percepções das crianças em relação aos brincar, práticas corporais e vida na comunidade. A roda de conversa permite que o pesquisador aprofunde algo observado.

Durante o processo de coleta de dados, o roteiro de perguntas foi utilizado para iniciar o diálogo e as discussões da roda de conversa, todavia as crianças também escolherem falar e compartilhar suas experiências e explicar as brincadeiras realizadas em outros ambientes, mas se manteve sempre nos brincar realizados nas marés do rio da Comunidade do Igarapé da Fortaleza.

3 INFÂNCIAS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO DOS BRINCARES E PRÁTICAS CORPORAIS DE CRIANÇAS NAS MARÉS DO RIO NA COMUNIDADE DO IGARAPÉ DA FORTALEZA NA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Nesta seção apresento os resultados parciais da pesquisa a partir dos eixos temáticos resultantes do *corpus* de análise das categorias empíricas geradas pelas discursividades das crianças da Comunidade do Igarapé da Fortaleza na Amazônia Amapaense. Para isso, organizei os eixos em três categorias centrais: infâncias das Amazônias; brincares e brincadeiras de crianças; práticas corporais das infâncias ribeirinhas.

3.1 INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA

3.1.1 A Infância universal e as infâncias na Amazônia

Historicamente, a ideia de infância se modificou e tem sido objeto de estudo e reflexão em diferentes áreas do conhecimento, pois é preciso considerar que existe uma infância universal caracterizada pela construção social. Assim, houve um reconhecimento tardio da infância como uma categoria socialmente relevante. Por muito tempo, ser criança era ser uma miniatura de adulto: sem identidade (ARIÈS, 2006). O reconhecimento da infância foi motivado pelas transformações sociais causadas pelo capitalismo industrial, que impediram as práticas de trabalho infantil e promoveram, em leis, a proteção da infância e o papel do brincar a partir desse período (AZEVEDO; SOUZA, 2017).

É essa mudança epistemológica na compreensão da categoria infância que se tornou possível ressignificar a categoria do ser criança como direito, no Brasil são os movimentos sociais que defenderam o direito de proteção a partir de 1988 com a promulgação da Constituição Federal e do Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesse sentido, o país reconheceu a criança um sujeito social e histórico que resultou em criação de políticas públicas sociais como o Programa PROINFANTIL. No final do século XX os avanços são significativos na legislação e nas ações governamentais na promoção de garantir direitos (OLIVEIRA; SOUZA, 2018).

As infâncias do território amazônico são caracterizadas por uma multiplicidade de significados histórico-culturais que se entrelaçam pela cultura das florestas, dos rios, igarapés, dos campos, da cidade e são percebidas pelas ideologias de classes, pois existem particularidades envoltas das multidiversidades infantis (SOUZA, 2020). Desta forma, as infâncias de crianças da Amazônia de comunidades ribeirinhas estão diretamente relacionadas aos espaços dos rios, floresta e igarapés. Nesses territórios de rios “a criança amazônica vivencia uma relação com os elementos da natureza” (OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 33).

De acordo com Souza (2021), as infâncias das crianças na Amazônia se manifestam de forma singular em diferentes espaços, abrangendo uma variedade de contextos, como comunidades ribeirinhas, quilombolas, urbanas, rurais, de assentamentos, áreas estuarino-costeiras, de manguezais, espaço da pesca e atividades extrativistas do caranguejo.

As populações que residem na região da Amazônia desenvolvem práticas de convivências sociais e culturais peculiares às populações amazônicas, diferentes das demais regiões do país, inclusive na perspectiva da caracterização das infâncias.

Para essas crianças o rio é o melhor lugar para se brincar, para ser feliz e socializar. Para elas não existe o cansaço durante a brincadeira. Por isso, sobem nas árvores e pulam nas águas escuras do rio quantas vezes for possível. O subir é a busca pela satisfação do pular; e o pular é o pré-prazer. Pois este somente acontece quando ela mergulha e sente a sensação de estar “vencendo” o rio. E é vivenciando as brincadeiras que as histórias de vida dessas crianças são construídas e relatadas no ambiente escolar (LIMA; SOUZA, 2020, p. 21).

As infâncias do território amazônico são caracterizadas por uma multiplicidade de significados histórico-culturais que se entrelaçam pela cultura das florestas, dos rios, igarapés, campo e cidade, são percebidas pelas ideologias envoltas nas multidiversidades infantis, que abrangem, não apenas a diversidade étnica, mas, também, a diversidade linguística, religiosa e sociocultural. As crianças amazônicas convivem com pessoas de etnias o que enriquece suas experiências e perspectivas de mundo e de si.

Dessa forma, a infância amazônica mostra-se profundamente caracterizada por crianças que crescem imersas e entrelaçadas em significados de conexão com a natureza (as florestas, os rios, as marés, a lama, as pontes, os igarapés e os campos). E, entre brincareis, as crianças amazônicas vão aprendendo sobre biodiversidade, plantas, animais, atividades físicas e as tradições locais de cada comunidade que habitam a região e contribuem para a formação do conceito de infância amazônica.

Na pesquisa de Andrade e Santos (2021, p. 16) as infâncias de crianças quilombolas da Amazônia Bragantina são identificadas por uma diversidade presente nos territórios quilombolas. Assim, é necessário segundo Andrade e Santos (2021, p. 17) “valorizar e reconhecer a lúdica negra amazônica [...] para promover o respeito à diversidade cultural e étnica da região”, além de incentivar a valorização das ancestralidades africanas das Comunidades Quilombolas na Amazônia.

3.1.2 As infâncias da Amazônia amapaense

A população infantil da Amazônia Amapaense é composta por uma diversidade de

grupos étnicos, incluindo comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhos, que vivem e dialogam com a natureza e dela se utilizam para a realização do trabalho. Assim, os moradores da Comunidade do Igarapé da Fortaleza se beneficiam do rio para o desenvolvimento de atividades como a pesca, transporte, plantio do açaí e nesse contexto as crianças ribeirinhas brincam e aprendem com os adultos.

A região conhecida como Amazônia Amapaense abriga áreas protegidas, incluindo unidades de conservação e terras indígenas, que são consideradas um importante patrimônio natural e cultural do Brasil. A preservação dessas áreas é essencial para garantir a qualidade de vida das comunidades desse território, que nem sempre é manejada de forma que preserve o meio ambiente, pois há interferências do capital pela exploração de garimpos.

3.2 BRINCARES E BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS

Na Amazônia paraense para Souza (2018) o brincar tem relação com a natureza e contexto cultural articulado por tradição, costume e vivências coletivas das crianças, que se caracteriza por uma diversidade cultural amazônica. O brincar para Andrade (2021, p. 134) desempenha um valor à cultura local, e estão enraizadas na vida cotidiana das comunidades que ali habitam. “Os brincares nesses territórios são marcados pela chamada lúdica negra amazônica” rica em diversas manifestações, incluindo brincadeiras, jogos, brinquedos e práticas corporais que desempenham um papel significativo no cotidiano das crianças. Entre essas atividades estão o futebol, as piras, o banho de igarapés, as danças, a capoeira, o ato de subir em árvores, e muitos outros.

O brincar de crianças na confecção do abano segundo Cardoso; Souza; Garvão (2019, p. 13) é uma das atividades tradicionais praticadas pelas crianças na Amazônia Bragantina, a partir de materiais naturais, como folhas de palmeiras ou outras plantas da região. “As crianças participam ativamente desse processo, envolvendo-se na coleta dos materiais, na criação dos abanos e na interação com outras crianças e adultos durante todo o processo”.

Cardoso; Souza; Garvão (2019, p. 14) consideram que esse brincar das crianças é uma atividade lúdica e culturalmente significativa por possuir uma série de benefícios no desenvolvimento das crianças do contexto bragantino, “que ao confeccionarem os abanos aprimoram as habilidades motoras finas, aprendem a manusear e transformar materiais naturais em objetos úteis”. O brincar de abano é uma oportunidade para as crianças interagirem com adultos da comunidade, como pais, avós e outras pessoas mais experientes. Esse contato estreito com diferentes gerações proporciona trocas de saberes e histórias.

A vida nessa região é fortemente vivida e marcada pela relação com o rio. A vida adulta

depende das águas do rio para trazer valorização econômica aos que dele dependem, mas também, é o rio que participa atividade da construção de um conceito perfilado de infância amapaense, com um significado de crianças que tem o rio como principal espaço de sociabilidade para a infância amapaense. Essa conexão íntima com o rio influencia e molda um tipo específico de infância característico do Amapá, pois a forma de viver e as relações construídas adquirem particularidades próprias.

Denotando dessa forma, que a infância das crianças da comunidade resguarda suas particularidades, quando vivencia a possibilidade de uma relação estreita com os elementos dos espaços naturais que a rodeia - os rios, igarapés, matas, animais. Esse modo de vida singular com certeza reflete-se nas brincadeiras [...], nas histórias contadas, nas vivências compartilhadas (PAMPHYLIO, 2010, p. 106-107).

Portanto, entende-se que na infância na Amazônia amapaense, o rio não é apenas uma fonte de subsistência, mas também um espaço de aprendizado, diversão e descoberta. Desde tenra idade, as crianças amapaenses são ensinadas a lidar com a água e a natureza através de atividades, brincades e brincadeiras em meio às marés. Assim, brincar, cantar, dançar manifestam sentimentos de alegrias e são características que marcam a infância amazônica amapaense.

Para Dollabona; Mendes (2004) o brincar é uma atividade essencial e universal no desenvolvimento humano, especialmente na infância, embora adultos também possam brincar. Trata-se de uma forma de expressão e interação que envolve a criação de situações lúdicas, livres de obrigações ou objetivos práticos imediatos. Como explicado pelas autoras:

A partir do que foi mencionado sobre o brincar [...] podemos perceber que ele está presente em todas as dimensões da existência do ser humano e, muito especialmente, na vida das crianças. Podemos afirmar, realmente, que 'brincar é viver', pois a criança aprende a brincar brincando e brinca aprendendo. A criança brinca porque brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o desenvolvimento do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar. Estas atividades lúdicas tornam-se mais significativas à medida que se desenvolve, inventando, reinventando e construindo (DOLLABONA; MENDES, 2004, p. 108).

O brincar pode ocorrer de diversas maneiras e contextos, como por meio de jogos, atividades físicas, faz-de-conta, construção de cenários, uso de brinquedos e objetos simbólicos, entre outras formas. É uma atividade que não possui um propósito específico, mas que é realizada pelo simples prazer e satisfação que traz à pessoa que brinca.

Na infância, o brincar desempenha um papel crucial no desenvolvimento físico,

emocional, social e cognitivo da criança, pois as crianças aprendem a resolver problemas, desenvolvem habilidades motoras e sociais, exploram emoções e experiências, e assimilam conhecimentos sobre si mesmos e o mundo ao seu redor.

Brincadeiras, por sua vez, são “[...] ferramentas potentes de assimilação do mundo real” (SPRÉA; GARANHANI, 2014, p. 720). Ao brincar, as crianças constroem mundos paralelos nos quais interpretam e experimentam, a seu modo peculiar, as situações do mundo adulto e da sociedade em geral. Nesse contexto conseguem refletir e assimilar normas, valores e experiências que são observadas diariamente no seu dia a dia e em redor.

A brincadeira é uma maneira de internalizarem e processarem o que vivenciam no mundo real, ou, em outras palavras, é uma “[...] ação assimiladora, a brincadeira aparece como forma de expressão da conduta, dotada de características metafóricas como espontânea, prazerosa” (KISHIMOTO, 1997, p. 32). Ao brincar a criança age na brincadeira a partir das experiências corporificadas em verbos já vividos, como por exemplo: correr, saltar, pular, ninar, esconder, jogar, escalar, cozinhar, entre outros.

No Amapá, mais especificamente, no Igarapé da Fortaleza, conseguiu-se verificar no levantamento dos dados com crianças que o brincar tem uma singularidade, pois relaciona-se à natureza e ao contexto sociocultural, associando costumes e vivências coletivas das crianças. Aspectos constatados ao serem questionadas: Para você o que é brincar?

Ezequiel (12 anos): *É diversão.*

Vitória (11 anos): *Ser feliz.*

Jhenifer: (12 anos): *Felicidade e se divertir*

Thiago (10 anos): *Se divertir, ser feliz.*

Jhonata (12 anos): *É feliz, alegria e diversão.*

Jailene (9 anos): *É ser feliz junto dos meus amigos.*

Denilson (11 anos): *Se divertir, correr, rir, se alegrar.*

Soyane (10 anos): *Brincar é legal é se divertir com os amigos.*

Camila (10 anos): *Se divertir, se juntar com os amigos.*

Ariadeny (11 anos): *É se divertir, se reunir com os colegas.*

Júlio (12 anos): *É legal, gratificante.*

Isabel (11 anos): *É diversão.*

Maria (9 anos): *É diversão.*

Estela (11 anos): *Alegria.*

As respostas são significativas e revelam a importância e a essência do brincar em suas

vidas. Para elas, brincar é sinônimo de diversão, felicidade, alegria e momentos gratificantes. É prazer e satisfação, é o momento de se divertir, rir, correr e se alegrar. Uma oportunidade de interagir com os amigos e colegas, estabelecer laços de amizade. O brincar é expressão e interação entre imaginação, criatividade e espontaneidade.

O brincar, como identificado nas respostas das crianças da Amazônia amapaense e como abordado e confirmado nas pesquisas de Ramos; Weiduschat (2019), também é afeição às regras, de conexão consigo, com os outros e com o mundo ao seu redor. Como explicado pelos autores:

Brincar não constitui perda de tempo nem é, simplesmente, uma forma de preenchê-lo. A criança que não tem oportunidade de brincar sente-se deslocada. O brinquedo possibilita o desenvolvimento integral da criança, já que se envolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente. Tudo isso ocorre de maneira envolvente, sendo que a criança dispense energia, imagina, constrói normas e cria alternativas para resolver imprevistos que surgem no ato de brincar (RAMOS; WEIDUSCHAT, 2019, p. 23).

Na Comunidade Igarapé da Fortaleza, o brincar para as crianças acontece na simplicidade dos atos, com poucos brinquedos e mais espontaneidade, considerando qualquer material que esteja a sua disposição, certamente, este objeto se tornará o brinquedo para que a brincadeira aconteça, geralmente, nas pontes e nas altas e baixas da maré do rio.

Nesse sentido, as crianças falam que o brincar proporciona muita diversão, portanto é uma atividade emancipatória da ação humana de intensa interação afetiva para as crianças, pois há afeto, há empatia, há risadas e todas motivadas pelas brincadeiras, pelo envolvimento do objeto e do momento lúdico, que gera prazer e caracteriza a infância.

Baseando-se nas explicações de Cordovil *et al.* (2019) sobre as ondas do rio, por analogia, a experiência de brincar para as crianças é leitura de mundo que, como ondas, ao balançarem as embarcações e as pontes, balançam o desejo das crianças de buscar serem reais e originais.

Portanto, o brincar melhora o desempenho e o desenvolvimento, ajudando-as a adquirirem habilidades diversas para explorar o mundo ao seu redor e aprender a resolver problemas do seu próprio jeitinho. Por isso, as crianças foram questionadas: Você brinca de quê na Comunidade do Igarapé da Fortaleza?

Ezequiel (12 anos): *Futebol, pega pega e queimada.*

Vitória (11 anos): *Pira esconde, pega, queimada e futebol.*

Jhenifer (12 anos): *Pira pega, queimada e futebol.*

Thiago (10 anos): *Queimada, bafão, pira pega, futebol.*

Jhonata (12 anos): *Bola, bafão, pira pega.*

Jailene (9 anos): *Pira pega na ponte e no rio, boneca em casa, queimada.*

Denilson (11 anos): *Pira pega, taco na lata.*

Soyane (10 anos): *Pira pega e pira esconde.*

Camila (10 anos): *Pira pega, pira esconde e queimada.*

Ariadeny (11 anos): *Amarelinha.*

Júlio (12 anos): *Futebol, queimada, lenço, bandeirinha, pira pega.*

Isabel (11 anos): *Bingo, queimada, pira pega, pira alta, futebol,*

Maria (9 anos): *Lenço, bandeirinha, esconde esconde, pira pega, queimada.*

Estela (11 anos): *Pula elástico, pega pega, pira esconde, queimada, futebol.*

Considerando que as respostas destacaram mais de uma brincadeira para as crianças, conseguiu-se constatar que a mais frequente e citada foi a brincadeira “pira-pega” relatada nas respostas de 13 crianças; a segunda mais declarada foi a brincadeira “queimada” em 10 respostas identificadas; e como terceira mais identificada nas respostas das crianças foi o futebol, citados por 6 vezes.

A partir das falas das crianças pude constatar que a popular “pira-pega” (também conhecida como pega-pega) é um jogo de dispersão, em que uma das crianças se torna o “pegador”, e enquanto não tocar em outra criança, detém para si esse poder. É uma brincadeira que tem regras e que promove um esforço da coordenação motora dos participantes para garantir que irão fugir do “pegador” até que sejam tocados por este.

As brincadeiras até podem mudar como o deixar de brincar de pira-pega e começar a queimada ou então para uma partida de futebol, as crianças têm liberdade para decidir, inclusive optar pela brincadeira do lenço. Essa liberdade de escolha e adaptação nas brincadeiras é importante, pois possibilita que sejam exploradas diferentes atividades, desenvolvam novas habilidades e gerem diversão de maneiras variadas. São brincadeiras que tornam o brincar uma oportunidade para experimentar, aprender com os outros, estimular a criatividade e promover a interação social.

O brincar de lenço na Amazônia amapaense é uma atividade que proporciona grande prazer, alegria e diversão para as crianças da comunidade do Igarapé da Fortaleza. Nas rodas de conversa e nas entrevistas realizadas, as crianças expressaram com entusiasmo suas experiências com essa brincadeira tradicional.

Figura 5 - Brincar de lenço



Fonte: (autor), 2023.

Esta brincadeira do lenço envolve muita movimentação, interação e criatividade. As crianças se divertem correndo, dançando e brincando com o lenço, criando diversas brincadeiras e desafios entre elas. A brincadeira acontece entre dois grupos com a mesma quantidade de participantes, sendo cada participante numerado, as equipes se afastam na mesma distância do centro onde vai ficar um segurando o lenço, quando o que está no centro chama um número, por exemplo número um, vem o número um de cada equipe e o que chegar primeiro e levar o lenço sem ser pego até chegar no seu lado, ganha um ponto, e vence a equipe que fizer mais pontos. A energia e o entusiasmo das crianças ao brincar de lenço são evidentes e transmite uma sensação de liberdade e alegria. Além disso, o brincar de lenço também é uma forma de fortalecer os laços de amizade entre as crianças, promovendo a convivência e a socialização na comunidade. É uma oportunidade para que elas aprendam a trabalhar em equipe, a respeitar regras e a compartilhar momentos de diversão e descontração.

O brincar de lenço é uma brincadeira que faz parte do repertório cultural da infância amapaense, e praticado pelas crianças do Igarapé da Fortaleza, refletindo a importância das tradições e das brincadeiras na vida das crianças da região. Essa brincadeira é um elemento

importante na construção da identidade e da cultura local, e as crianças se orgulham de participar e preservar essa tradição.

No âmbito do brincar de lenço está a transmissão das tradições de geração em geração. Através dessa brincadeira, as crianças não apenas se divertem, mas também são expostas aos valores, aos costumes e aos conhecimentos que têm sido passados adiante ao longo dos anos. Essa conexão com as raízes culturais contribui para a formação de uma identidade sólida e confiante, ao mesmo tempo que promove um senso de pertencimento a uma comunidade vibrante e em constante evolução.

Figura 6-Crianças brincando de bafo no pátio da casa



Fonte: (autor), 2023.

As crianças do Igarapé da Fortaleza confirmaram que gostam de brincar de bafo (figura 2), utilizando figurinhas autoadesivas como parte da brincadeira. Essa brincadeira acontece em grupo, onde cada participante coloca a mesma quantidade de cartas uma em cima da outra e com o vento produzido pelo bater das mãos quem virar mais cartas ganha. Essa forma de brincar envolve o baforejo²¹ das cartas ou figurinhas para que consigam, no movimento da mão em concha, virar a imagem para si para que ganhe a figurinha. Caso contrário, se ela for para o outro lado, o amigo leva a carta.

O brincar de bafo (bater cartas) é uma atividade que requer habilidade e estratégia, além

21 "Baforejo" pode estar sendo usado como uma gíria ou termo coloquial para se referir a "assoprar uma carta" no contexto de jogos de cartas

de promover a interação social entre as crianças. A inclusão das figurinhas autoadesivas no brincar de bafo adiciona a dimensão lúdica à atividade. As crianças têm a oportunidade de trocar figurinhas e manter a vontade de querer a imagem dos seus amigos no jogo, com parcimônia e estratégia as crianças se especializam em virar a figurinha e fazer o baforejo delas.

O brincar é uma grande fonte de desenvolvimento e aprendizagem. No ato de brincar a criança percebe para depois pensar e se organizar diante da realidade. Doa-se por completo numa relação que é dialógica e corporal com o mundo. A percepção do mundo para a criança perpassa pelo brincar. Na medida em que a criança brinca, ela transforma e cria novas possibilidades e significados (GADÉLHA *et al.*, 2020, p. 54016).

Ao brincar de bafo com figurinhas autoadesivas, as crianças podem desenvolver habilidades motoras finas ao manusear as figurinhas, bem como aprender a negociar, compartilhar e respeitar regras durante o jogo. Essas habilidades são fundamentais para o desenvolvimento infantil, além de proporcionar momentos de diversão e entretenimento.

Figura 7- A brincadeira de pipa na ponte.



Fonte: (autor), 2023.

Em um momento de investigação as crianças estavam brincando de pipa²², um brincar bastante popular, geralmente feito de papel de seda, ou de plástico. O objetivo é manter a pipa

²² Empinar pipa envolve lançar a pipa no ar e controlar sua posição e movimento através da manipulação da linha.

no ar, fazendo manobras e competindo para ver qual pipa fica mais tempo voando ou qual consegue cortar mais vezes a linha da pipa do colega. No Igarapé da Fortaleza as crianças brincam de pipa nas pontes, na alta e na baixa das marés. Quando a pipa é cortada, ou cai no rio, tem crianças que tentam resgatá-la nas águas do rio. Mergulham, mas é em vão! Ela logo molha. Não presta pra nada mais!

A prática de empinar pipa na ponte é uma brincadeira que caracteriza a infância no Igarapé da Fortaleza. Ela acontece de maneira diferente do que acontece, por exemplo, na Amazônia bragantina ou em outras localidades do país. Essa brincadeira promove a transmissão de conhecimentos, porque, geralmente, há uma pessoa mais velha que compartilha a maneira de fazer a pipa²³ ou a pipa, de fazer o seu rabo com fita preta de videocassete ou de sacola de supermercados, preparar as varetas, a seda ou o plástico para subir para laçar, até que aconteça o fim da pipa no ar (ó o “vaitice”).

Assim, todas as crianças de perto começam a correr na ponte, correm atrás da pipa ou pipa, como se fosse um trunfo salvá-la da queda no rio ou em cima de algum telhado ou até mesmo em cima dos barcos. Às vezes tem briga para pegá-la. Quando ela não cai na água, ela pode ser usada por quem a pegou. E a brincadeira não para. Empinar pipa na ponte, portanto, vai além do simples entretenimento; é uma forma de expressão cultural que conecta as crianças com suas raízes, com as brincadeiras dos antepassados e com valores culturais.

A pipa, como a pipa é chamada no Igarapé da Fortaleza, é uma atividade lúdica que caracteriza a identidade da comunidade, mantendo viva a tradição de uma das brincadeiras mais antigas que ali ocorrem com as crianças e com as infâncias. Além disso, é uma brincadeira que contribui para o desenvolvimento das habilidades motoras, coordenação dos movimentos para manipular a pipa e enfrentamento dos desafios do vento.

Empinar pipa, portanto, é um ato de brincar ao ar livre, intrínseco da infância e “[...] deve ser reconhecido como atividade educativa de aprendizagem, de interação social e de experiências que enfatizam valores culturais e interações sociais” (CANNING, 2022, p. 556). Brincar ao ar livre proporciona liberdade e promove tempo de alegrias.

O brincar de pipa não somente proporciona diversão, atividade física, conexão com a natureza quando ela cai em algum lugar, isso gera uma correria entre as crianças no espaço da ponte a fim de evitar ela cai nas águas do rio. Essa forma de brincar de pipa é uma tradição das crianças da Amazônia amapaense e nela, celebra-se a infância e a riqueza cultural do Amapá.

23 Nome dado à pipa pelas crianças da Amazônia amapaense.

Nesse caso, buscando compreender se as crianças entendiam se o brincar estava presente no contexto escolar, foi feita às crianças a seguinte pergunta: O brincar faz parte da educação escolar?

Ezequiel (12 anos): *Sim, nas aulas de Educação física.*

Vitória (11 anos): *Sim.*

Jhenifer (11 anos): *Sim.*

Thiago (10 anos): *Sim.*

Jhonata (12 anos): *Sim, aprendi na escola.*

Jailene (9 anos): *Sim, na educação física.*

Denilson (11 anos): *Sim, na educação física.*

Soyane (10 anos): *Não.*

Camila (10 anos): *Aprendi na escola, na educação física.*

Ariadeny (11 anos): *Sim, aprendi na escola.*

Júlio (12 anos): *Sim, na educação física.*

Isabel (11 anos): *Sim, na aula de educação física.*

Maria (9 anos): *Sim, na educação física.*

Estela (11 anos): *Sim, nas aulas de educação física.*

Todas as respostas obtidas com a entrevista das crianças apresentam um quadro de confirmação de que sabem que o brincar faz parte da educação escolar e que ele foi aprendido/obtido pela maioria delas nas aulas de Educação Física. Essas respostas revelam que as crianças têm consciência de que o brincar desempenha um papel importante na educação, não apenas como uma atividade recreativa, mas como uma forma de aprendizado e desenvolvimento integral. Elas reconhecem que o brincar proporciona oportunidades de exploração, imaginação, socialização, expressão criativa e aprendizado através do movimento e do corpo.

Além disso, as respostas das crianças podem ainda indicar as abordagens que já foram analisadas por Souza (2009), ao afirmar que o brincar vai além das aulas de Educação Física e está presente no cotidiano das crianças, nos momentos de brincadeiras e de brincar na realidade do ambiente extraescolar, ou seja, em casa e na comunidade. Como explicado pela autora:

Embora o recreio tenha tido todo o rigor da disciplina, as experiências não foram ruins, pelo contrário, foram plenas de aprendizado. Nelas, as culturas infantis se apresentavam em dois momentos: de um lado, o momento lúdico de conversas, de contação de histórias, de brincadeiras e jogos de queimada; de outro lado, a obrigação as filas e do canto do Hino Nacional e do Pará (SOUZA, 2009, p. 17).

Essa autonomia e liberdade de escolha são essenciais para o desenvolvimento das habilidades sociais, emocionais e cognitivas das crianças. Durante as brincadeiras, elas aprendem a negociar, compartilhar, resolver conflitos, desenvolver habilidades de liderança e trabalhar em equipe. Essas interações sociais contribuem para o desenvolvimento da empatia, da cooperação e da capacidade de se relacionar com os outros.

As respostas das crianças confirmam a relevância do brincar na educação escolar, destacando a importância de proporcionar espaços e oportunidades para que as crianças possam se engajar em brincadeiras, explorar sua criatividade e expressão corporal, desenvolver habilidades socioemocionais e desfrutar de momentos de diversão e aprendizado significativos. Através do brincar, as crianças podem desenvolver-se integralmente e construir experiências que contribuirão para sua formação como indivíduos ativos, criativos e socialmente conscientes.

Mas, nesse momento, as crianças foram perguntadas nas rodas de conversa se há brincadeiras que não podem ser realizadas na localidade, por isso, foram perguntadas: Tem algum brincar que não conseguem realizar aqui na Comunidade?

Ezequiel (12 anos): *O basquete, voleibol.*

Vitória (11 anos): *Não.*

Jhenifer (12 anos): *Não.*

Thiago (10 anos): *Basquete.*

Jhonata (12 anos): *Basquete.*

Jailene (9 anos): *Não.*

Denilson (11 anos): *Basquete.*

Soyane (10 anos): *Não.*

Camila (10 anos): *Não.*

Ariadeny (11 anos): *Não.*

Júlio (12 anos): *Não.*

Isabel (11 anos): *Vôlei de quadra.*

Maria (9 anos): *Basquete e vôlei.*

Estela (11 anos): *Não.*

Neste questionamento oito crianças responderam que não tinha nenhuma brincadeira que elas não conseguiram realizar na comunidade, mas seis crianças responderam que gostariam de realizar a prática do basquete, pois praticam na escola e gostam muito de praticar na

comunidade, mas não tinham bola e nem o aro para arremessar a bola.

Assim, diante da confirmação de que não conseguem brincar de vôlei e de basquete na Comunidade, buscou-se também entender se já haviam enfrentado alguma forma limitadora ou impeditiva ao brincar, ou seja, foram questionados: *Você já foi limitado ou impedido de brincar aqui na comunidade? Como foi e por que?*

Ezequiel (12 anos): *Sim, foi triste para mim, para não atrapalhar a passagem dos adultos.*

Vitória (11 anos): *Não.*

Jhenifer (12 anos): *Não.*

Thiago (10 anos): *Sim, tinha outras pessoas no campo, fiquei triste.*

Jhonata (12 anos): *Não.*

Jailene (9 anos): *Não.*

Denilson (11 anos): *Já fui impedido pelos maiores para não fazer barulho.*

Soyane (10 anos): *Não.*

Camila (10 anos): *Não.*

Ariadeny (11 anos): *Sim, pela mãe, por causa do sol e o rio cheio.*

Júlio (12 anos): *Sim, foi de boa, para não atrapalhar.*

Isabel (11 anos): *Não.*

Maria (9 anos): *Não.*

Estela (11 anos): *Não.*

Neste questionamento, oito crianças responderam que não foram limitadas ou impedidas de brincar na comunidade. Mas, cinco crianças responderam que ao brincar sofrem limitações e impedimentos por diversas causas (os pais, as condições do rio, o próprio sol, e pelas pessoas adultas de um modo geral).

As respostas divergentes entre as crianças sobre serem limitadas ou impedidas de brincar na comunidade destacam que existem diferentes experiências e realidades entre elas. Enquanto algumas crianças relataram não enfrentar limitações ou impedimentos em suas brincadeiras, outras revelaram que enfrentam restrições devido a várias causas, como os pais, as condições do rio, o sol e a interferência de pessoas adultas.

A interferência de pessoas adultas pode ser resultado de preocupações ou normas culturais que restringem determinados tipos de brincadeiras. Essas restrições podem ser influenciadas por crenças, tradições ou valores específicos da comunidade. No entanto, é importante destacar que as restrições impostas pelos adultos nem sempre são negativas, e muitas

vezes visam garantir a segurança e o bem-estar das crianças.

Souza (2009) entende que o poder e controle dos adultos sobre as atividades das crianças pode limitar seu espaço de brincar. Quando os adultos impõem restrições ou interfere nas brincadeiras das crianças, por preocupação com a segurança, norma cultural ou outros motivos, isso pode afetar negativamente a liberdade e autonomia delas produzirem as culturas infantis no espaço e tempo do recreio. Ao restringir o espaço de brincar das crianças, os adultos podem diminuir sua capacidade de explorar, experimentar e aprender por meio da brincadeira. Isso pode resultar em uma diminuição da criatividade, imaginação e desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

3.3 PRÁTICAS CORPORAIS DAS INFÂNCIAS DA AMAZÔNIA AMAPAENSE NA EMANCIPAÇÃO HUMANA DAS CRIANÇAS

Práticas corporais segundo Carvalho (2006) são atividades que envolvem o corpo e sua movimentação, abrangendo uma ampla variedade de expressões e formas de manifestação. Então, podem ser entendidas como diferentes práticas corporais ou manifestações culturais, que estudam e consideram a gestualidade e os modos de se expressar corporalmente, atribuindo valores, sentidos e significados ao conteúdo e à intervenção. Como explicado por esse autor:

As práticas corporais são componentes da cultura corporal dos povos, e dizem respeito ao ser humano em movimento, ou seja, estudam e consideram a sua gestualidade, os modos de se expressar corporalmente, atribuindo valores sentidos e significados ao conteúdo e a intervenção. Assim, agregando as mais diversas formas do ser humano se manifestar por meio do corpo (CARVALHO, 2006, p. 24).

Entende-se que as práticas corporais são atividades físicas que envolvem movimento e expressão corporal, e que podem ser influenciadas por fatores culturais e sociais. Na infância as práticas corporais são caracterizadas pelo exercício e a atividade familiar, utilizando-se da repetição e dos símbolos para moldar as atividades realizadas relacionando os diferentes papéis sociais que as crianças observam e interagem diariamente. Por sua característica, pode-se entender que as práticas corporais podem gerar saúde corporal e mental.

Segundo Carvalho; Nogueira (2016) as práticas corporais exigem o uso do corpo como meio de expressão, aprendizado, lazer, cultura, saúde ou desenvolvimento físico e mental. As práticas corporais podem ser tanto individuais como coletivas, envolvendo diferentes níveis de intensidade física e variando de acordo com o contexto cultural, histórico e social de cada comunidade.

É bastante comum que os termos “promoção da saúde” ou “prevenção de doenças”, e “atividade física” ou “práticas corporais” sejam utilizados no cotidiano leigo, científico e/ou político como se fossem sinônimos. Não obstante, cada um dos termos mantém especificidades ligadas a visões de mundo e projetos de sociedade que os tornam diferentes e conflitantes. O uso de cada um dos conceitos pode representar a adoção de uma abordagem que se expressa nas formas de conceber e organizar os discursos e as práticas relativas aos seus saberes e conhecimentos (CARVALHO; NOGUEIRA, 2016, p. 1833)

As práticas corporais incluem-se atividades físicas competitivas, como futebol, basquete, vôlei, corrida, natação, entre outros. Forma de expressão artística que envolve movimentos coreografados e ritmados, podendo ser de natureza tradicional, contemporânea, folclórica, clássica, entre outras. Pode envolver técnicas de combate, autodefesa e desenvolvimento físico e mental, práticas que envolvem exercícios de alongamento, fortalecimento e equilíbrio, com foco no bem-estar físico e mental, atividades ao ar livre e jogos e brincadeiras que são parte da cultura de diferentes comunidades, transmitidos de geração em geração.

Essas práticas corporais desempenham um papel importante na vida das pessoas, contribuindo para o desenvolvimento físico, emocional e social, além de promoverem o convívio, a socialização e o bem-estar geral. Cada forma de prática corporal oferece benefícios específicos, e a diversidade dessas atividades enriquece a experiência humana, refletindo a pluralidade e a riqueza das expressões culturais e esportivas ao redor do mundo.

No contexto da Amazônia amapaense é no descer das águas que tudo acontece²⁴! Que o brincar se expressa como prática corporal, e também uma jornada mágica de descobertas, aprendizado e diversão. É no descer às águas pelas pontes que o brincar, invade e promove alegria e expectativas nas crianças do Igarapé da Fortaleza, pois é uma atividade do trabalho como princípio educativo por ser uma atividade necessária no universo infantil.

24 A região amapaense da Amazônia é caracterizada por um ecossistema único e complexo, onde as águas desempenham um papel central na vida das comunidades e na dinâmica ambiental. Durante o ciclo anual das águas, que inclui as estações de cheia e vazante dos rios, ocorrem transformações significativas que afetam tanto a natureza quanto a cultura local.

Figura 8- O campo de futebol, inundado pelas águas do rio



Fonte: (autor), 2023.

A imagem mostra a área do campo de futebol inundado pelas águas da maré, gerando expectativa do momento de vaziar a maré para aparecer o campo de futebol de lama, ou como as crianças do Igarapé da Fortaleza os chamam: o futlama²⁵. Nesse caso, as mesmas regras do futebol tradicional, porém, sobre um campo de lama. Assim, o esporte torna-se uma prática corporal tradicional e espontânea da infância amapaense e local onde as crianças se reúnem para brincar.

O Futlama, que com características genuinamente amapaenses, tem hoje grande aceitação no Estado, nasce no vazante da maré. São nas margens do Rio Amazonas e seus afluentes que o futebol na lama, a prática cultural de lazer que caracteriza a cidade de Macapá, é realizado. Praticado inicialmente pela população ribeirinha, hoje pode ser considerado uma opção de lazer para toda a população amapaense. Em 2002, oficializou-se e se batizou Futlama a partir da criação do seu projeto pela COMEL (Coordenadoria Municipal de Esporte e Lazer) em compromisso com a prefeitura de Macapá, para dar visibilidade a essa prática (SOUSA, 2010, p. 34).

Desde a sua criação, o Futlama tem gerado um impacto significativamente positivo na Amazônia amapaense. As manifestações culturais são influenciadas pelo espaço físico em que ocorrem, e o Futlama não é exceção, refletindo essa influência em sua prática. Enquanto muitas pessoas participam ativamente jogando Futlama, uma parcela considerável também prestigia o evento, comparecendo para assistir as partidas.

²⁵ O "futlama" é um esporte jogado na região amazônica, especialmente no estado do Amapá. É uma atividade lúdica e tradicional que combina elementos do futebol, criando um jogo característico da cultura local.

Figura 9- No campo de futebol da comunidade, há lama e não grama.



Fonte: (autor), 2023.

É aqui que tudo acontece, a hora mais esperada pelas crianças da comunidade. A imagem mostra as crianças do Igarapé da Fortaleza, no contexto das marés, jogando futebol em um campo que invés de grama tem lama, mas é um momento de muita alegria para eles, onde eles rolam na lama, se jogam no rio entre um mergulho e outro e voltam a jogar futebol no campo formado na beira do Igarapé, o futlama é uma prática comum no estado do Amapá, onde os praticantes desenvolvem a prática do futebol na beira do Rio Amazonas, na frente da cidade. O futebol é uma prática corporal da Educação Física, mas para as crianças do Igarapé é um jogo de regras, onde os próprios participantes ajustam às regras criadas por elas, para poderem jogar e conduzir o jogo de uma forma animada e prazerosa.

Nessa versão diferente de futebol, as crianças do Igarapé da Fortaleza têm a oportunidade de experimentar uma experiência única, deslizando na lama, enfrentando os desafios do terreno escorregadio e se divertindo de maneira completamente diferente. Essa adaptabilidade das brincadeiras permite que as crianças da Comunidade campo da pesquisa explorem novas possibilidades, se adaptem às diferentes condições e desenvolvam habilidades de resiliência, criatividade e adaptação. Além disso, brincadeiras como o futebol de lama também podem proporcionar momentos de risadas, camaradagem e trabalho em equipe, fortalecendo os laços entre as crianças e promovendo um senso de aventura e descoberta.

No brincar, as crianças mergulham em um mundo imaginário, onde podem ser qualquer coisa que desejarem. Elas exploram sua criatividade, experimentam diferentes papéis e

desenvolvem habilidades sociais e emocionais. Elas se comunicam e resolvem problemas com os outros. Um mar de possibilidades, que de tão doce, torna a vida difícil de suas famílias menos dolorida e enfrentam com esperança a certeza da chegada de dias melhores e de um futuro melhor para todos.

Durante a brincadeira, as crianças têm a oportunidade de exercer sua autonomia e tomar suas próprias decisões. Elas podem explorar experimentar e descobrir coisas novas de acordo com seus interesses e curiosidade. Essa sensação de liberdade e controle sobre suas ações trazem-lhes alegria. E, visando obter mais informações sobre as opiniões das crianças, foi planejado o seguinte questionamento: Quais as brincadeiras vocês brincam? E como elas são praticadas? Tem regras? Quais?

Ezequiel (12 anos): São práticas na ponte ou dentro do rio. O futebol é quando o rio desce.

Vitória (11 anos): *No campo seco, pega pega no rio ou na ponte.*

Jhenifer (12 anos): *Piara pega na ponte e no rio, futebol e queimada no rio*

Thiago (10 anos): *Pira pega na ponte e futebol dentro de casa e na praia.*

Jhonata (12 anos): *Bola, bafão, pira pega na ponte ou no rio.*

Jailene (9 anos): *Pirapega na ponte e no rio, boneca em casa.*

Denilson (11 anos): *Pira pega em casa e taco na lata na ponte.*

Soyane (10 anos): *Pira pega e esconda na ponte, não tem regra.*

Camila (10 anos): *Não tem regras. Na ponte e no rio.*

Ariadeny (11 anos): *Vôlei no rio, não tem regras.*

Júlio (12 anos): *Nas pontes e no rio.*

Isabel (11 anos): *Pira pega na ponte, no rio. Vôlei na praia quando o rio tá seco.*

Maria (9 anos): *Sim, que inventamos.*

Estela (11 anos): *Sim. Nós mesmos criamos.*

Em relação às regras as crianças que as brincadeiras não têm regras e que são elas que criam as regras para que não ocorra trapaça no brincar. Além disso, as crianças responderam que as brincadeiras eram praticadas nas pontes e no rio e que brincam no rio.

A realidade das crianças da Amazônia amapaense possui algumas peculiaridades, sendo que uma das principais se consiste em realizarem suas brincadeiras ora nas pontes, ora na beira dos rios e ora dentro dos rios. No caso do futlama, o número de espectadores é muito grande, é uma prática corporal que envolve toda a comunidade, que se tornam jogadores, juízes e

torcedores. As crianças também são assim e dessa forma afirmam sua infância.

Figura 10- Brincando de pega pega no rio.



Fonte: (autor), 2023.

O brincar de pira no rio na Amazônia amapaense é, de fato, uma atividade especial com um jeito peculiar de se divertir. Nessa brincadeira, que, no caso do Igarapé da Fortaleza, acontece na ponte e nas águas do rio, entre as características marcantes do brincar de pira é a escolha de um participante para ser a mãe, que deverá realizar a função de ser quem pegar outra pessoa durante o jogo. Ele corre atrás das outras até que toque em uma criança, que se torna, automaticamente, a mãe, até que toque em outra criança, e assim, sucessivamente.

As crianças correm se esquivam e se divertem enquanto tentam escapar da mãe, pois objetivo é evitar ser capturado por ela, pois a criança que for tocada pela mãe sabe que será a próxima mãe da brincadeira, e terá um trabalho até que toque em outra criança, que já está fugindo dela. Assim, a brincadeira continua com cada nova captura. O brincar de pira, portanto, promove a interação social, o entendimento das regras da brincadeira, a cooperação e a competitividade saudável entre as crianças.

É importante destacar que o brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento saudável das crianças. Além de contribuir para o desenvolvimento integral, as brincadeiras tradicionais, como o brincar de bafo, também preservam e valorizam a cultura local e as tradições regionais, proporcionando uma experiência rica e significativa para as crianças.

O fato de as brincadeiras poderem mudar, como por exemplo, passarem do pira-pegas para uma partida de queimada ou futebol de lama, reflete que além de espontaneidade e criatividade das crianças ao brincar, a brincadeira depende da sazonalidade das marés, das condições climáticas. Por exemplo, quando o rio está seco, o campo de lama surge, quando o rio está cheio, não importa, não deixam de brincar de outra brincadeira.

Nas pontes as crianças podem criar práticas corporais de equilíbrio, atravessando de um lado para o outro, desafiando-se a manter a coordenação e a concentração. Essa interação com a estrutura física da ponte estimula o desenvolvimento motor e a consciência espacial, além de proporcionar momentos de diversão e aventura (POJO, 2018).

Na cabeça das pontes, nos trapiches, nos caminhos, nos rios, nos retiros, nas roças e nos quintais, as pessoas não só compartilham o espaço físico, como também interagem mutuamente. Nesses espaços partilhados por grupos familiares, os adultos, os jovens e as crianças, através das atividades rotineiras ou de algum entretenimento, utilizam e circulam por eles. Pelas pontes, por exemplo, andam de uma casa para outra; de um local para o outro, vivenciando as trocas, os pedidos, os empréstimos, as informações. Em síntese, vivenciam formas de dar, de receber e de retribuir, de serem solidários uns com os outros (POJO, 2018, p. 47-48).

Na fotografia foi possível capturar uma forma vívida pelas crianças no banho de rio, um momento de pura alegria e diversão das crianças durante uma brincadeira na ponte. Elas estão entusiasmadas, empinando suas pipas, e essa atividade as envolve de maneira intensa. A ponte se torna o cenário ideal para essa brincadeira que envolve práticas corporais. Os risos estampados em seus rostos expressam claramente a alegria e satisfação que encontram ao brincar juntas.

Figura 11- Crianças brincando de pipa na ponte.



Fonte: (autor), 2023.

A brincadeira de empinar pipa nesse contexto é mais do que um simples passatempo. Ela representa a capacidade das crianças de se adaptarem ao ambiente ao seu redor e de encontrarem formas criativas de se divertir. As pipas são produzidas de forma artesanal pelas próprias crianças, com tala de buritizeiro ou miritizeiro como é conhecida pelas crianças da comunidade e com saco plástico, é um saber que vem passando de geração para geração. O momento registrado na imagem é uma prova da importância das brincadeiras na vida das crianças da comunidade do Igarapé da Fortaleza, na Amazônia amapaense. O brincar se torna uma poderosa ferramenta de aprendizado e crescimento, proporcionando momentos de descoberta, diversão e fortalecimento dos laços comunitários.

As crianças da comunidade do Igarapé da Fortaleza na Amazônia amapaense demonstram uma notável habilidade de criatividade e adaptabilidade em suas brincadeiras. Mesmo diante de mudanças no ambiente, como o nível da maré que está secando, elas não deixam de encontrar oportunidades para explorar sua imaginação e se divertirem. Nesse contexto, brincar de pira-pegá é uma das formas que elas escolhem para aproveitar o espaço disponível e dar vazão à sua energia.

A imagem ressalta a capacidade das crianças de aproveitar o momento presente, independentemente das circunstâncias. Elas demonstram criatividade ao adaptar suas brincadeiras à situação, aproveitando o espaço das águas da maré que está secando para explorar

sua imaginação e simplesmente brincar de pira pega.

Figura 12- Crianças brincando no rio.



Fonte: (autor), 2023.

Essa capacidade de adaptação é uma característica marcante das infâncias amazônicas amapaenses, que desenvolvem uma relação profunda e íntima com a natureza ao seu redor. A variação das marés e das condições do rio faz parte do cotidiano dessas crianças, e elas aprendem a lidar com essas mudanças de maneira criativa e sobre as pontes de madeiras.

Ao adaptarem suas brincadeiras as crianças da Amazônia amapaense mostram sua capacidade de se conectar com a natureza, de serem protagonistas de sua própria diversão e de vivenciarem o prazer genuíno que o brincar proporciona.

A ponte no Igarapé da Fortaleza é mais do que uma simples estrutura que beira o rio; ela é um espaço simbólico e fundamental para o brincar das crianças da comunidade. A ponte tornou-se um local de encontro e diversão, onde as crianças se reúnem para compartilhar momentos de alegria e amizade. O brincar no Igarapé da Fortaleza é uma prática arraigada na cultura local, e a ponte desempenha um papel crucial nessa tradição.

O brincar no Igarapé da Fortaleza é um momento em que as crianças se sentem livres para experimentar, aprender, interagir e criar memórias preciosas que marcarão suas vidas, e também fomentar práticas corporais para evolução de suas aptidões físicas e promover a educação física em suas múltiplas abordagens.

Assim, a ponte no Igarapé da Fortaleza é muito mais do que uma passagem física sobre

o rio; é um espaço de encontro, aprendizado e diversão, onde as crianças podem exercitar sua liberdade, criatividade e imaginação enquanto se conectam com a natureza e fortalecem seus laços com a comunidade.

As práticas corporais são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, proporcionando benefícios para sua saúde física, emocional e cognitiva. Além disso, o brincar e as atividades lúdicas na comunidade do Igarapé da Fortaleza reforçam a importância da vida em comunidade, da colaboração e da partilha de experiências entre as crianças.

Nesse sentido esta pesquisa não está totalmente finalizada, pois não existe texto acabado. É de suma importância destacar que a dissertação está aberta para futuras indagações, questionamentos e críticas. Sem dúvida esse será o caminho para construção de outras pesquisas, sendo utilizada para o processo de outras discussões e fundamentações. Em fim a epistemologia desta pesquisa, traz um tempo de escuta e convivência, o qual revela as falas de crianças sobre os brincares na comunidade ribeirinha do Igarapé da Fortaleza/AP que se caracteriza como modo das crianças socializarem na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com as crianças da Comunidade do Igarapé da Fortaleza teve como objetivo identificar as práticas corporais manifestadas nas infâncias ribeirinhas e observar como as brincadeiras e os jogos se desenvolvem nesse contexto. Os resultados obtidos mostraram que o brincar é uma atividade essencial na vida das crianças, proporcionando alegria, diversão, aprendizado e desenvolvimento integral.

Para atingir os objetivos do estudo com as crianças do Igarapé da Fortaleza foi necessário ter uma apropriação do referencial teórico que deu seguimento e estrutura para o seguimento da pesquisa na comunidade, foi importante construir uma metodologia que fosse ao encontro das questões preliminares do estudo.

Ao dividir as crianças em grupos e estabelecer laços de confiança e comunicação, foi possível realizar entrevistas que revelaram a importância do brincar para elas. As respostas das crianças destacaram que o brincar é uma forma de diversão, felicidade e expressão criativa. O ato de brincar permite que elas mergulhem em um mundo imaginário, desenvolvendo habilidades sociais, emocionais, cognitivas e motoras.

A pesquisa também mostrou que as brincadeiras praticadas pelas crianças ribeirinhas são diversas e adaptáveis às condições do ambiente. Os brincames recorrentes são pira-pegas, a queimada e o futebol, mas outras atividades, como esconde-esconde, vôlei e amarelinha, também foram mencionadas. As crianças têm liberdade para escolher as brincadeiras e adaptá-las de acordo com suas preferências e as condições do rio e das pontes.

É importante ressaltar que o brincar na comunidade ribeirinha vai além da simples diversão. As brincadeiras proporcionam aprendizado, estimulam a criatividade, promovem a interação social e fortalecem os laços entre as crianças. Elas aprendem a resolver problemas, a tomar decisões rápidas, a trabalhar em equipe e a se adaptar às diferentes situações. O brincar também permite que as crianças explorem seu entorno natural, desenvolvendo a consciência espacial e a coordenação motora.

O estudo conclui que o brincar é uma parte fundamental da vida das crianças ribeirinhas da Comunidade do Igarapé da Fortaleza. Essas crianças encontram na brincadeira uma forma de expressão, aprendizado e diversão, vivenciando momentos de alegria e prazer. As brincadeiras praticadas por elas refletem a sua realidade e contexto, adaptando-se às condições do rio e das pontes.

A pesquisa reforça a importância de valorizar e incentivar o brincar nas comunidades

ribeirinhas, reconhecendo-o como uma prática significativa para o desenvolvimento infantil. Proporcionar espaços e oportunidades para que as crianças possam brincar livremente e explorar o mundo ao seu redor é essencial para promover seu bem-estar e desenvolvimento integral. O brincar é uma jornada mágica de descobertas e aprendizado para as crianças ribeirinhas, e é fundamental garantir que elas tenham acesso a esse universo de possibilidades.

Essas limitações e impedimentos podem ter um impacto significativo nas oportunidades de brincar das crianças e na sua liberdade de explorar e desfrutar do seu ambiente. É importante reconhecer e compreender esses desafios, para que se possa buscar soluções e alternativas que permitam às crianças desfrutar plenamente do seu direito ao brincar.

Além disso, essas respostas destacam a importância de criar ambientes e condições favoráveis para brincar na comunidade. É fundamental que os adultos e responsáveis estejam conscientes da importância do brincar na vida das crianças e apoiem suas atividades lúdicas, fornecendo os recursos necessários, garantindo a segurança e incentivando a autonomia.

É necessário também promover uma cultura que valorize o brincar e reconheça sua importância para o desenvolvimento infantil. Isso envolve a conscientização da comunidade sobre os benefícios do brincar, a criação de espaços adequados para as brincadeiras e a promoção de atividades que estimulem a criatividade, a socialização e o aprendizado das crianças.

Além disso, é fundamental envolver as crianças na tomada de decisões relacionadas ao brincar, permitindo que elas expressem suas preferências, sugiram atividades e participem ativamente na criação de espaços e oportunidades de brincadeira.

Dada a importância do tema, considera-se necessário dar continuidade a discussão das práticas corporais e os brincarinhos, para que essas discussões sensibilizem e despertem mais visibilidade, corroborando para uma valorização e preservação dessas práticas corporais e dos brincarinhos.

Em suma, as respostas das crianças revelam a importância do brincar na educação escolar e na vida das crianças ribeirinhas. O brincar proporciona oportunidades valiosas para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a socialização, a criatividade, o aprendizado e a diversão. É essencial que sejam criados ambientes favoráveis ao brincar, que valorizem e apoiem as atividades lúdicas das crianças, garantindo-lhes a liberdade, os recursos e as condições necessárias para desfrutarem plenamente dessa importante dimensão de suas vidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar. **Educação & Sociedade** v. 27, n. 95, p. 541-551, 2006.
- ANDRADE, Simeia Santos; SANTOS, Raquel Amorim dos. A lúdica negra na Amazônia Bragantina: as brincadeiras dançantes das crianças do quilombo. **Em aberto**, v. 34, n. 110, p. 99-112, 2021.
- ANDRADE, Simeia Santos; SANTOS, Raquel Amorim dos. Direitos humanos e trabalho infantil na Amazônia: a lógica do capital predatório e a subversão de crianças no norte do Brasil. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 11, n. 1, p. 24-37, 2021.
- APALAI, A. W.; BRITO, A. do C. U.; CUSTÓDIO, E. S. O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar para as narrativas e vivências do Povo Aparai. **Reflexão e Ação**, v. 30, n. 1, p. 115-131, 2022.
- AREIAS, H. da S. A formação do professor de educação física no Amazonas e o uso das tecnologias. **Scientia Generalis**, v. 3, n. 1, p. 63–72, 2022.
- ARRUDA, Douglas Vinícius de Paula et al. Princípio educativo em Gramsci: Reflexões sobre o ser humano, trabalho e educação. **Revista de Ciência Política, Direito e Políticas Públicas - Politi(K)Con**, v. 4, n. 4, p. 78–86, 2023.
- AZEVEDO, Nair Correia Salgado de; SOUZA, Taisa Palma. “Brincar é coisa séria!”- as contribuições da sociologia da infância para a compreensão da brincadeira na educação infantil. **Colloquium Humanarum**, v. 14, n. 1, p. 31–39, 2017.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BRANDÃO, Priscila Pantoja do Nascimento. **SABERES CULTURAIS RIBEIRINHOS: o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol - Arquipélago do Bailique/AP**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Amapá. Programa de Pós-Graduação em Educação, Macapá, 2019.
- BRITO, Angela do Céu Ubaiara *et al.* Educação ambiental: O brincar com a energia solar em escolas urbanas da Amazônia Amapaense. **Ambiente & Educação**, v. 24, n. 1, p. 93-116, 2019.
- BRITO, Angela do Céu Ubaiara; MARQUES, Maria Carolina Henrique. Culturas infantis na Amazônia amapaense: o brincar das crianças e os saberes culturais. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 68, p. 82-93, 2021.
- BRITO, Angela; SOUZA, Adriana Machado. A dimensão lúdica e as práticas pedagógicas participativas das crianças na Amazônia amapaense. **Revista Exitus**, v. 12, n. 1, p. e022004-

e022004, 2022.

CANNING, Natalie. Implementing an Empowerment Framework: The Significance for Children's Play Environments and Reflective Practice. **Education Sciences**, v. 12, n. 8, p. 556, 2022.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé. Práticas corporais e atividades físicas na perspectiva da Promoção da Saúde na Atenção Básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6 pp. 1829-1838, 2016.

COELHO, Bruna da Penha de Mendonça. Materialismo histórico e dialético: entre aproximações e tensões. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, v. 1, n. 118, pp. 75-100, 2023.

COELHO, Clícia. “Égua, não, olha meme...” cultura visual e formação docente na Amazônia amapaense. 2021. 251 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORRÊA, Daniel Rodrigues. Formação de professores na Amazônia bragantina: um estudo sobre o PNAIC e a prática pedagógica em classes multisseriadas. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências humanas e sociais**. 2ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2008.

DEL PRIORE, M (org). **História das Crianças no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DUARTE, Leonardo de Carvalho; NEIRA, Marcos Garcia. Currículo cultural da educação física: a produção de uma pedagogia engajada. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 8, p. 1-18, 2020.

FERREIRA, Deyverson Luener de Oliveira; SOUZA, Ana Paula Vieira e. Saberes culturais de comunidade tradicional e da escola na Amazônia bragantina. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 16, p. 35-46, 2020.

FRAGA, Alex Branco. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Movimento**, v. 2, n. 3, p. 35-41, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Editora Record, 2001.

GOMES, R. K. S.; CALADO, J. F. Educação ambiental: a práxis educativa em alternância na

amazônia amapaense. *Revista Humanidade e inovação*, v. 9, n. 13, p. 1-10, 2022.

GADÊLHA, George Tawlinson Soares *et al.* O brincar na educação física infantil: uma revisão sistemática. **Braz. J. of Develop.**, v. 6, n. 7, p. 54014-54028, 2020.

KISHIMOTO, T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

LANOUILLE, Kathryn. Emotion, place, and practice: Exploring the interplay in children's engagement in ecologists' sampling practices. **Science Education**, v. 106, n. 3, p. 610-644, 2022.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 11-29, 2009.

MAIA, Tatiana Cristina Vasconcelos; BENTES, José Anchieta de Oliveira. Infância e inclusão na amazônia: uma análise sobre a educação infantil em Belém. In: TANCREDI, Ana Maria Orlandina *et al.* (orgs.). **Política, formação e prática educativa na infância**. Pará: Editora da UEPA, 2022, p. 1064-1075.

MANSKE, G. S. Práticas corporais como conceito? **Movimento**, v. 28, n. 1, p. 1-17, 2022.

MOTA, Ieda Oliveira; GENÚ SOARES, Marta. Práticas corporais na Amazônia: contribuições para o currículo cultural na escola. **Movimento**, v. 29, n. 14, p. 1-19, 2023.

MOTA, M. L. **A criança na fronteira amazônica: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância**. 2016. 108 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

OLIVEIRA, Marcos Vinicius Sousa de. Crianças, pesca artesanal, trabalho e escola no contexto da Comunidade da Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina. 2019. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação. Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, Bragança-PA, 2019.

OLIVEIRA, Marcos Vinicius Sousa de; SOUZA, Ana Paula Vieira e; SANTOS Raquel Amorim dos. Infâncias de cá nos discursos de crianças do entorno de manguezais da amazônia bragantina. In: CARVALHO, Ana Maria Orlandina Tancredi *et al.* (Org.). **Diversidade e participação em pesquisas com crianças e infâncias**. Belém: Editora da UEPA, 2022, p. 1085-1095.

PEREIRA, Ana Hilglen Marinho. A cultura lúdica amazônica na educação física escolar: suas faces e interfaces no jogo da aprendizagem criativa. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan./jul. 2019, p. 24-41.

PINHEIRO, Jonas Gomes. Educação física escolar e cultura quilombola: um diagnóstico do ensino das práticas corporais na escola quilombola Santo André em Abaetetuba-PA e suas relações com a cultura quilombola. 2023. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

RAMOS, Maria Carolina. **A atualidade da obra Casa Grande e Senzala**. Jusbrasil.com.br, 10 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-atualidade-da-obra-casa-grande-e-senzala/675595378>. Acessado em: 4 de julho de 2023.

RIBEIRO, Lady Daiane Martins; KRÜGER-FERNANDES, Larissa; BORGES, Fabrícia Teixeira. Roda de conversa mediada por leitura dialógica com crianças: Uma proposta metodológica de pesquisa qualitativa sobre processos argumentativos. *New Trends in Qualitative Research, Oliveira de Azeméis*, v. 2, n. 2, p. 83–95, 2020.

RODRIGUES, Rosenilma Branco; COUTO, Hergos Ritor Fróes de. educação e prática docente: o lugar do corpo na aprendizagem de alunos na região amazônica. *Periferia*, v. 15, n. 1, p. 1-26, 2023.

RODRIGUES, Carmem Izabel Rodrigues. **VEM DO BAIRRO JURUNAS, SOCIABILIDADE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ENTRE RIBEIRINHOS EM BELÉ-PA**. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2006.

SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. *Amazônia Setentrional Amapaense : do “mundo” das águas às florestas protegidas*. 2012. 276 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos; BENTES, Lívia Maria Neves; BARBOSA, Suellen Ferreira. Currículo, Educação Física e multiculturalismo: análise de um currículo ribeirinho colonizado. *Educ. Puc.*, v. 24, n. 2, p. 300-317, 2019.

SUELI, Ferreira Deslandes; OTAVIO, Cruz Neto; ROMEU, Gomes; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora) **PESQUISA SOCIAL: Teoria Método e Criatividade**. Petropolis, RJ: 21ª ed. Vozes. 1994.

SILVA, Barbara Araújo da. Formação de professores (as) em educação física na Amazônia. Orientadora: Maria da Conceição dos Santos Costa. 2023. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

SILVA, Luciana Pires. **Infância Ontem e Hoje**. As meninas dos olhos, 14 de outubro de 2019. Disponível em: <http://asmeninasdosolhosad.blogspot.com/2019/10/infancia-ontem-e-hoje.html>. Acessado em: 4 de julho de 2023.

SILVA, Natanael Jose Rodrigues da. **O lúdico, jogos e brincadeiras na educação física com crianças de 2 a 4 anos**. Jornal A Tribuna, 8 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://jornaltribuna.com.br/2022/01/o-ludico-jogos-e-brincadeiras-na-educacao-fisica-com-criancas-de-2-a-4-anos/>. Acessado em: 4 de julho de 2023.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Paula. **Definição dos termos – Brinquedo, brincadeira e jogo**. Blog.portaleducacao.com.br, 5 de maio de 2022. Disponível em: <https://blog.portaleducacao.com.br/definicao-dos-terminos-brinquedo-brincadeira-e-jogo/>. Acessado em: 4 de julho de 2023.

SOUZA, Ana Pula Vieira. **AS CULTURAS INFANTIS NO ESPAÇO E TEMPO DO RECREIO: construindo singularidades sobre a criança**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009.

SOUZA, Ana Paula Vieira. **Trabalho Infantil: Uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condições de trabalho**. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2014

SCAPIN, Gislei José; SOUZA, Maristela da Silva. Educação Física Escolar: em defesa da cultura corporal em contraposição à perspectiva da aptidão física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 273, p. 141-155, 2021.

SCHAEFER, Lee et al. Outdoor time is associated with physical activity, sedentary time, and cardiorespiratory fitness in youth. **The Journal of pediatrics**, v. 165, n. 3, p. 516-521, 2014.

SOUZA, Andressa Passos. **A PARTICIPAÇÃO PÚBLICA EM UM PROJETO DE LAZER NO MUNICÍPIO DE MACAPÁ: um estudo sobre o Futlama**. Orientadora: Cassia Hack. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física)-Universidade Federal do Amapá, 2023.

TEDESCO, Elisangela Da Silva França. **Infância pantaneira: a percepção de mundo e a constituição de identidade das crianças ribeirinhas**. Cáceres-MT, 2016. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/PPGEdu/Dissertacoes/Defendidas_2016/Elisangela_da_Silva_Franca_Tedesco.pdf Acesso em: 01 de agosto, 2023.

TIBALLI, E. F.A; JORGE, L.E.A. A etnofotografia como meio de conhecimento no campo da educação. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 63-76 jan/jun 2007.

UNICEF. **Agenda pela infância e adolescência na Amazônia**. Brasília: Unicef Brasil, 2018. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/1131/file/Agenda_pela_infancia_e_adolescencia_na_Amazonia.pdf. Acessado em: 4 de julho de 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Covas autoriza volta do futebol amador a dois dias da eleição.** Uol notícias, 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/11/13/covas-autoriza-volta-do-futebol-amador-a-dois-dias-da-eleicao.htm>. Acessado em: 4 de julho de 2023.

VERONESE, Josiane Rose Petry; CUSTÓDIO, André Viana. **Trabalho infantil doméstico no Brasil.** São Paulo: Saraiva, 2013.